



249,119

III-A, 1, 10.

# ENSAIOS POETICOS

DEDICADOS

EM

SIGNAL DE MUITA ESTIMA

A

SUA IRMAN A SENHORA

D. Angelica Roza Cezar

POR

*Ildefonça Laura Cezar.* (\*)

*par* PRIMEIRO FOLHETO.



BAHIA

TYPOGRAPHIA DE EPIFANIO J. PEDROZA.

Rua do Pão-de-ló n. 37.

1844.

Mãe da baroneza de Al  
Gonçalves.

III-Y, 1, 10

B 869.1

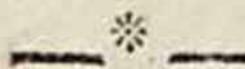
X-47015144  
0814012015

*1860*  
*5.12.60*

## DEDICATÓRIA.

---

A' quem, si não à ti, Angelia amada,  
Meus versos dedicar, por mimo grato?  
A' quem, si não á ti, que desde o berço  
Cuidados maternaes, á Mãe roubando,  
Todos commigo franqueaste sempre,  
E sempre desvelada, e sempre amiga!  
Não és tu, que dos Paes a ausencia suppres,  
Esta ausencia eternal, que o peito chora? !  
E mil saudades golpeal-o sinto!  
Entre os sabios dictaões, que te ouvia,  
Gratidão á meus Paes era o primeiro:  
S' estes me saltam, tu és só, que restas,  
A' quem a gratidão mostrar eu devo.  
Esses favores, que alardeia Pluto  
De á outros conceder tão generoso,  
Ingrato, injusticeiro me denega:  
Mas Erato me acolhe, si não muito,  
Quanto ao-menos eu possa dedicar-te.  
Acceita pois, Angelia, este presente,  
Filho d'alma querido, onde tu moras.

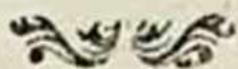


**ENSAIOS POETICOS.**

MR. LOUIS AIME' MARTIN A' SOFIÁ

TOM. 2<sup>o</sup> CART. 24.

*La vie, hélas ! la vie est un pénible songe !  
Nous sommes en naissant dévoués au trépas,  
Pour un peu de plaisir, que l'on goûte ici bas,  
Un long et noir chagrin nous assiège et nous ronge.  
Sans nous connoître, enfin, nous marchons à grans  
Vers l' abîme éternel, et la mort nous y plonge; pas  
Il se ferme sur nous et ne se rouvre pas.  
Cependant jusques-là nous cherchons à connaître  
Qui nous sommes, pourquoi l' Eternel nous fit naître,  
Pourquoi cet Etre immense et maître des destins  
A formé cette terre où rampent les humains.  
Vains efforts! la raison, l' esprit, et la science,  
Sur ces profonds secrets restent dans l' ignorance,  
Et d' erreurs en erreurs cherchant la vérité,  
Nous ne la découvrons que dans l' Eternité.*



TRADUÇÃO DA PEÇA ANTECEDENTE.

Que seja a vida trabalho sonho  
Logo ao nascer á Morte dedicados !  
Ai! por ligeiros, rápidos prazeres  
(E que nem sempre desfrutar nos cabe)  
Longas tristezas, altos dissabores  
O peito nos flagellam , nos opprimem !  
De nós mesmos, emsím , desconhecidos ,  
Co'agigantados passos caminhamos  
Ao terrivel, profundo, eterno abysmo ,  
Onde nos lança para sempre a Morte.  
Lá mesmo pesquisamos (Que loucura !)  
Saber quem somos, porque ao mundo vimos !  
E porque Deos, Altípotente, e Sabio ,  
Dos destinos Senhor, creou a terra,  
Em que rastejam , sem cessar, os homens !  
Oh vãos esforços ! Qu' illuzão de idéa !  
E a nossa razão , o esp'rito nosso ,  
E a sciencia, na ignorancia ficam  
De tão profundos, divinas segredos.  
E d'erro em erro da verdade em busca ,  
Descobrimol-a só na eternidade.

---

AO DEZEJO DE MUDAR DE VIDA  
DA CIDADE PARA O CAMPO.

LYRA.

Si de um rio nas margens situada  
Pequena , alegre caza eu possuisse ,  
Que o terreno, qu'em roda se avistasse ,  
De nutritiva, esverdeada gramma ,  
Inda mesmo que poucas , contivesse  
Gordas , mancinhas , e leiteiras vaccas ,  
Que ao despontar da purpurina Aurora  
O grosso leite ihes mangisse , tanto ,  
Quanto fosse bastante à meu sustento ;  
Na posse destes bens não invejára  
A dos Deoses Olimpica morada.  
Então do meu amor o doce nome ,  
Ao som da branda lyra entretecida  
De mil cheirozas engracadas flores ,  
Faria resoar no bosque annôzo :  
N , mais vizinho tronco, vergonhozas  
De o não saber dizer , as Avesinhas ,  
Em bando pressurozas , poizariam ,  
Querendo modular-o em seus gorgeios ;  
E os dotes sens, as suas graças tantas  
Celebradas seriam pelas Ninfas  
Ao redor dos amores folgazonas ,

Mas ah ! qu' a sorte dura não concede  
Venturas de tal monta á quem nascida  
Só n'esta vida foi para tormentos.

---

POE EFFEITO DE SE AFFAGAREM DUAS GARRIÇAS.

LYRA.

Ai ! Avezinha engraçada !  
Como cantas mavioza !  
Talvez teu amor chamando  
A' seguir-te deleitoza.

Como, as azinhas abrindo,  
Giras em torno á teu par !  
Só eu, de meu Bem auzente  
Não o posso acariuhar !

Livre, como és tu, porque  
Me não fez a Natureza ?  
Ella te deu liberdade ,  
A' mim da sorte a ferèza !

Os mimos do bem , que adoras ,  
Podes sem susto gozar :  
Cruel fado me prohibe  
Os de meu Bem desfrutar !

Em estreito captiveiro  
Escôam-se os dias meus :  
Estes, entregues á dor ,  
Quanto differem dos teus !

Do modo, que viver queres ,  
Neste, ou naquelle lugar ,  
Não tens, como eu , quem possa  
Teus desejos limitar .

Amar a terna consorte  
E' teu mais doce prazer ;  
Pois não ouzas um minuto  
Distante d'ella viver .

Em tamanho à teu corpinho  
Excede meu coração :  
Assim pois o meu amor  
E' maior em proporção.

Avalia, ó Avezinha,  
O meu rude sofrimento ,  
E vê, si tenho razão  
De apurar meu sentimento !

Igual à tua ventura  
Pranteio a minha não ser !  
Quanto sinto, que só possa  
Ao longe meu Amor ver !



## CANCONETA.

Como respiras,  
O' coração!  
De mágoas cheio,  
E de aflicção!

Ah! que a saudade  
Tira a razão!

A' qualquer parte  
A viva dôr  
Será o premio  
Do teu amor!

E's infeliz,  
Seja onde for.

Mimozos bens  
Não guarda o fado  
A' quem dos céos  
E' deslembrado.

E' só nas penas  
Abalizado,

Do peito exhalo  
Roucos gemidos,  
Que são dos ares  
Só acolitidos.

Quanto meus dias  
São consumidos

Na triste lida  
De assim viver,  
Um puro gosto  
Não posso ter.

Meu duro fado  
Hei-de sofrer.

---

*D' aquillo, que ja foi meu.*

## QUADRAS.

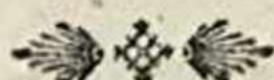
Entregando-me à desgraça,  
Minha sorte o Fado leu :  
Irado jurou privar-me  
*D' aquillo, que ja foi meu.*

Augmentando seus rigores,  
A' ferir-me a dextra erguêu ;  
Mas somente me arrancou  
D'aquillo, que ja foi meu.

Extinguir meus tristes dias  
O tiranno prometteu,  
Em privação latismoza  
D'aquillo, que ja foi meu.

Meu coração de pezar,  
Senti, que desfalecêu ;  
Ai de mim ! auzente môrro  
D'aquillo, que ja foi meu.

Em defêza do meu mal  
Nem Cupido appareceu !  
Foi, como o Fado, invejôzo  
D'aquillo, que ja foi meu.



*Terno amôr, doce amizade,*

## QUADRAS

Dentre os bens, que nos outorga  
A celeste Divindade,  
Tem á todos primazia  
**Terno amor, doce amizade.**

### ESTRIBILHO.

Amor imprime  
N' alma o prazê;  
Ditozo o vivente,  
Que o sabe manter.

O coração, que á Cupido  
Não tem sujeita a vontade,  
Não avalia, não prezâ  
**Terno amôr, doce amizade,**

Mas eu, que nos seus transportes  
Firmei a felicidade,  
Saborêio á cada instante  
**Terno amor, doce amizade.**

Quando longe de meu Bem  
Nutro asperrima saudade,  
No seu regresso desfructo  
Terno amôr, dôce amizade.

Amôr imprime  
N' alma o prazer,  
Ditozo o vivente,  
Que o sabe manter.

---

*De separar-nos o dia.*

## QUADRAS.

Ai ! meu Bem ! Triste de mim  
Pois ideia não fazia ,  
Qu' austero o tempo trouxesse  
De separar-nos o dia

### ESTRIBILHO.

Suspiro envolta  
Em aflicção :  
Já nem palpita  
Meu coração,

De seus funestos revézes  
Este julguei não teria !  
E chegou , para matar-me ,  
De separar-nos o dia.

Outros desgostos , e penas ,  
Outras mágoas eu previa ;  
Mas nunca esperei, viesse  
De separar-nos o dia.

Consumida de amarguras ,  
Sem jamais ter alegria ,  
Com horror afflita encaro  
De separar-nos o dia.

Inexoravel commigo  
E' a cruel sorte ímpia !  
Firmou a desgraça minha  
De separar-nos o dia.

Em lugar dos teus carinhos  
Supporto negra agonia !  
Envolta em pranto lastimo  
De separar-nos o dia.

No prazér de te gozar  
Minha existencia corria.  
Malfadada inveja aponta  
De separar-nos o dia!

O ferrête do desgôsto ,  
A dôr , a melancolia ,  
São os fructos , qu' outorgou-me  
De separar-nos o dia.

---

A' PRIMAVERA.

LYRA.

As frias brizas  
Do Inverno triste,  
O' Primavera,  
Já sacudiste !

A' que chegasses  
Deram lugar.  
Ja não rebenta  
Com fúria o mar !

As negras nuvens,  
Que o Ceu cobriam,  
E todo o Orbe  
Enlucteciam,

A branca areia  
Ah ! nem se via  
D'este riacho !  
Turvo corria !

Limpido agora ,  
Grato murmura ;  
Ternas suadades  
Como que apurá !

Já cristalinas  
Estão as ágoas !  
E junto á ellas  
Espanco mágoas !

Era medonho  
Este pomar !  
Ora florido  
Se vê estar.

Toda se anima  
A Natureza !  
O monte , o prado,  
Tudo é belleza !

Alegres cantam  
Os passatinhos  
Nos verdes tópés,  
Ou em seus ninhos.

A Pastorinha  
Lá colhe flores,  
Qu' enfeitar devem  
Os seus amôres.

Os Não-medieixes,  
Rôxas Esperas,  
Que abrandar sabem  
As almas feras,

São as, que busca,  
Outras deixando :  
Astuta, e lèda  
As vai atando.

O' Primavera !  
Estação linda !  
Eu te saúdo,  
E a tua vind'a.]

Fólga com tigo  
A Natureza.  
Longe os pezares !  
Tudo é belleza.



*Quanto meu coração ama.*

## QUADRAS.

Jove ateou no meu peito  
Tão abrazadôra chama,  
Qu' impossivel é negar  
Quanto meu coração ama.

### ESTRIBILHO,

Fugir de Cupido  
Eu quiz, e não pude.  
Quem julga escapar-lhe,  
Se engana, se illude.

Contra seu poder não vale  
A mais engenhoza trama.  
Occultar jamais eu posso  
Quanto meu coração ama.

Fugir de Cupido  
Eu quiz, e não pude.  
Quem julga escapar-lhe,  
Se engana, se illude.

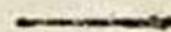
*Saudades do meu Amor.*

**QUADRAS.**

Espancar hoje não posso  
A tristeza, e dissabôr :  
Lutam com migo extremozas  
**Saudades do meu Amor.**

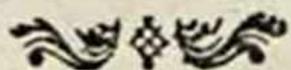
Onde objecto encontrar,  
Que minore minha dôr !  
Golpear sinto meu peito  
**Saudades do meu Amor.**

A descorada agonia  
Desfecha em mim seu rigor ;  
Crescem d'âstante á instante  
**Saudades do meu Amor.**



**XARADA. I.**

Cheiro mais, que muitas flores. — 3  
Sou bonita, alegre, e fina.  
En vivo, si morre o dia,  
Agrado à bella menina.



## CANCONETA.

Vamos, meu Bem,  
Ao Prado ver  
O claro dia  
Amanhecer.

E lá do Oiteiro  
Febo nascer.

Seu giro certo  
Assim tomando,  
A Naturêza  
Ir alegrando.

A' trabalhar  
Nos animando.

Do bosque umbrozo  
Os habitantes  
Macios cantos  
Tuitar bastantes.

Que apurar sabem  
Ternos amantes.

Ja vem do monte  
Descendo o gado :  
Ir ter à fonte  
E' seu cuidado.

O seu pastôr  
Segue montado.

Uma cabana  
Aquelle abrindo ,  
Sua manada  
Vai conduzindo.

Est'outro o leite  
Está mungindo.

Na loira cúia  
Todo espumôzo,  
Tambem promette  
Sabôr gostôzo.

Pois se lhe ajuntam  
Café cheirôzo !

No río entrando  
Essa canoa,  
O rêmô n'agua  
Oh ! como sóa !

A pescaria  
Não foi atoa.

Os carânguejos,  
Alvos peixinhos,  
Ainda pulam  
Camarõesinhos !

Lá se repartem  
Entre os vizinhos.

A' fome bastam  
Simples guizados :  
Ella dispensa  
Os temperados.

E tudo sabe,  
Sem ter cuidados !

Estes, que a vida  
Sabem mingoar,  
Com migo juntos  
Sabem andar.

E crescem mais,  
Em te esperar?

Em-vão te chamo,  
Meu doce Bem!  
Meu terno Amor!  
Que te detêm?

Meu triste pranto  
Enchugar vem.

O lindo quadro,  
Que à pouco vi,  
Desvaneceu-se,  
Ja não surri.

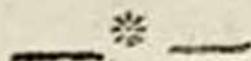
E eu me vejo  
Sozinha aqui.

Assim a ausencia  
Deixas tragar  
Um peito amante,  
Que sabe amar?!

Ah! que não sófre  
Tanto tardar!

Dobra perigos  
Astuto Amor,  
E d'elles sempre  
Sae vencedor.

Mas eu succumbo  
Cheia de dor.



LYRA.

Quanto invejo de Pastora  
O viver simples, e bom !  
Mas á mim negou o Fado,  
Não quiz tivesse este dom !

Aqnela no verde prado  
Seu rebanho vê pastar;  
A Natureza contempla,  
Que a deixa seus bens gozar.

Em quanto do Sol ardente  
Deixa passar o calor,  
Cheirozas flores enrama,  
P'ra dal-as á seu Amor.

Não fazem sua fortuna  
Vans illuzões da grandeza:  
Nem sofre crueis motéjos  
Seu tratar com singeleza.

O ar mais sereno, e puro,  
O bosque, o risonho mar,  
Suas precizões repáram,  
Sem pisto se fatigar.

Cantando á borda do rio,  
Que banha alegre morada,  
Seus projectos executa,  
Sem que seja sensatada.

Izenta de austeras leis.  
Pensa, ri, brinca, si quer;  
Ignorando rigorismos,  
E' feliz, onde estiver.

Pelos céos abençoados  
Vê seus dias, seus prazeres,  
Desempenhando mimoza  
Seus mais sagrados deveres.

Sua gloria em ser querida,  
E querer, funda somente:  
Carinhoza tem carinhos,  
E vive assim bem contenta.

Ai de mim! , à quem a Sorte  
De tão altos bens privou!  
Ditozos dias ainda  
Com migo não partilhou!



AOS ANNOS DE MINHA IRMAN A SENHORA  
D. GUILHERMINA RITA CARLOTA DA SILVA.

### ELOGIO.

Si um dia o Céu me dêr, que cantar possâ  
Em bellos versos o, que sente o peito,  
Em nem-um me serâ, como este, grato,  
Qu' Ermina o natal seu alegre canta  
No séio d'amizade a mais perfeita  
D' Angelia, seu prazer, d'Angelia amiga,  
Amizade, que só nutrira a vida  
Por seus doces extremos carinhosos,  
Extremos, que ella só apurar sabe.  
Mas tal assumpto, tão sublime, e nobre,  
De minha escassa muza excede muito.  
E quanto exceder sinto meus dezejos  
De louvar tão gostozos sentimentos!  
Se mor saber, Ermina, não m' é dado,  
Para desempenhar-me, este, qu' é nada,  
Obsequio de amôr, d'alma nascido,  
Accolhe, acceita, Ermina, em hora tua,  
Meu terno coração extaziado,  
Esquecendo da vida os dissabores,  
De suave prazer se vê bañado,  
Prazer celeste, que rival não sofre,

Quando contente assiançar-te pôde,  
Que mil venturas, eternaes delicias  
Te anhela disvellada Ilfonça amante.

---

A' CIDADE POR CAUZA DOS DOBRES DOS SINOS.

LYRA.

Ah! si longe de ti viver podesse ,  
Morada de aflicçao , de mil desgôstos ,  
Da morte , sem cessar , pregoadôra ,  
Os melhores instantes enluetando  
Dós , que , ás vezes bem poucos , nos contentam  
Ah ! de ti , sem pezar , eu me apartára ;  
E para os lédos , socegados campos ,  
Das discordias , e do tumulto izentos ,  
Levára os dias meus , meus tristes dias !  
Tanta ventura não me outorga a Sorte ,  
Que me afasta de tudo , que me alegra !  
Mal hajam taes revêzes d'esta vida ,  
Que á sofrelos me falta a paciencia .



AO IMMORTAL 2 DE JULHO.

HYMNO.

Com melodia entoados  
Cantemos festivos Hymnos,  
Cantemos, caras Bahianas,  
D'este Dia os Feitos dignos.

Quem de Dois de Julho pôde  
Apagar gratas memorias ?  
Elle foi, que deu aberta  
A' tao sublimes victorias !

D' amizade estreitos laços  
Fez entre nós apertar.  
Quem poderá do seu giro  
A duraçao prolongar!

Em nosso dâmno jamais  
Opressoes tramá-se-ao.  
Aureos trofeos, bens sem conto  
Rizomhos Fados nos dao.

Sim, Bahianos venturozos,  
Da Patria Libertadores !  
Em premio de vossas lidas  
Provai de Jove os favores.

Livre passagem Diana  
Pelos bosques vos deixou ;  
E de flores, para ornar-vos ,  
Florá os campos matizou.

Meigas, faceiras Bahianas  
Hoje mais cedo despertam ;  
Lindas grinaldas tecendo ,  
Lizonjeiras vos offertam.

Inteiro prazer desfructa  
A feliz Bahiana Gente :  
Louvores solemnes góza  
Dados por Jove potente.

Nôvo brado à Historia leve  
Os festejos d'este Dia,  
Qu' aos Bahianos Corações  
Trouxe perfeita alegria.



DE UM PRÊZO A' SUA ESPÔZA.

LYRA.

Da minha cadêia os ferros,  
O pêzo, sinto esquecer,  
Quando te âperto em meus braços,  
E posso alegre te vêr.

Teu sorriso afasta logo  
De minhas penas o horrôr:  
Com tigo vejo a fortuna,  
Fogem males, surge amôr.

Por ti menos rigorozos  
Encaro os destinos meus,  
Por ti meus ferros desfeitos  
Hao-de-ser por mão d'um Deus.

Em-vão tua ausencia sinto!  
De mim ninguem se enternêce;  
Surdos são á voz da dôr!  
Ninguem ouvir-me parêce!

1.470.157/AA/22/5

O' vós, que me dais os ferros!  
Do meu pranto vos doei.  
Dai-me a doce liberdade,  
E à quem meus dias votei.

---

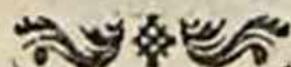
MOTE.

• Os votos, que os Homens fazem,  
• São mais ligeiros, que o vento.

GLOZA.

• Com elles na campa jazem,  
• Respirandoinda verdade,  
• Duram thè na Eternidade  
• Os votos, que os Homens fazem.  
• Mas as Mulheres, que os trazem  
• Só no leve pensamento,  
• Os esquecem n'um momento;  
• E se os protestos de amar  
• São mais incertos, que o mar,  
• São mais ligeiros, que o vento.

Pelo Sr. F. M. Barreto.



*O mesmo mote antecedente:*

**GLOZA.** (\*)

As Bellas na idéia trazem  
De Dido os extremos fidos,  
E quanto são fementidos  
Os votos, que os Homens fazem.  
Por terra abatidos jazem  
Esses muros, onde assento  
Teve esse amor fraudulento,  
Esse amor todo traição.  
Os Homens, sem exceção,  
São mais ligeiros, que o vento.

---

**CHARADA. 2.**

Antecedencias expimo. — 1  
E lugar tambem indico. — 3  
Em cazos grammaticaes,  
Lá na syntaxe me fico.

---

(\*) Digne-se o Illm. Sr. Muniz de desculpar minha ouzadia em querer imitar-o.

*Tantos males supportar.*

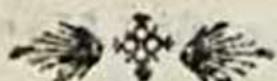
**QUADRAS.**

Si tu de-longe podesses  
Em mim teus olhos fitar,  
Verias, que ja não posso  
Tantos males supportar.

De tristeza ja nem sinto  
O coração palpitar !  
Si não chegas, ah ! duvido  
Tantos males supportar.

Si a cauza de meus gemidos  
Tu não veos aliviar,  
Desespéro de poder  
Tantos males supportar.

Sendo tão grande meu peito  
Para extremôzo te amar,  
E' pequeno, para, auzente,  
Tantos males supportar.



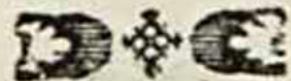
LYRA.

Que bonita Borboleta!  
Que matiz tão variado!  
Todas as cores reúne  
No todo seu engraçado.

O succo das lindas flores  
Em cada-uma libando,  
D'esta vôa, aquella busca,  
E sempre assim vai girando.

Mas ah! que não pôde a triste  
De astuto rapaz livrar-se!  
Do seu brilhante de cores  
Deve a coitada queixar-se.

Si tão bonita não fosse  
Talvez escapar podesse!  
Talvez que de ser pilhada  
Elle excessos não fizesse.



CANÇAO.

Ha dias, em que não posso  
Star alegre um so instante!  
Quanto mais desfarçar busco,  
Mais minha dôr vai avante!

Nos braços teus  
Alivio achara :  
Entao da Sorte  
Eu desdenhara.

Do meu negro, e duro Fado  
Sacrificada ao rigor,  
Nem abrandal-o conseguem  
Dóces carinhos d'Amor!

A sorte escassa ,  
Com migo avessa ,  
De todo o modo  
Quer qu' eu padeca?

De me perseguires, Sorte!  
Um dia não cançarás ? !  
Meu triste desassocêgo  
Uma vez não findarás ? !

Ah! não te move  
Meu padecer ? !  
Assim .... quizéra  
Antes morrer.

---

### LYRA.

Inconsolavel  
Me tem o Fado,  
Des-que não vêjo  
Meu Bem amado.

Respiro apenas  
D'elle distante.  
E' triste ser  
Assim amante !

E' tudo grato  
Com elle á par;  
Sem vê-lo, a dôr  
Me quer tragá.

Ah! que a saudade  
Me desalenta,  
E tudo em-sim  
Me descontenta ?



*Mas eu lhe digo, que não.*

## QUADRAS.

Prendi Amor no meu peito  
Com areo, aljava, e farpao :  
Pede-me agora, que o solte ;  
Mas eu lhe digo, que não.

Chora triste, por se ver  
Em tão estreita prizão :  
Suas suplicas redobra ;  
Mas eu lhe digo, que não.

Tenta, debalde, quebrar  
Os ferros da escravidão:  
Insta pela liberdade ;  
Mas eu lhe digo, que não.

Amaldiçõa o Destino,  
Contra elle impreça, emvãoz  
Juramentos affiança ;  
Mas eu lhe digo, que não.

Tiraño, ja se não lembra  
Da sua má condiçao !  
Humlhado quer vencer-me ;  
Mas eu lhe digo, que não.

Amofina'-o é meu gôsto,  
Tenho nisto galardão.  
Apiedar-me julgava !  
Mas eu lhe digo, que não.

Já de um Deus o sofrimento  
Não te move à compaixão ? !  
Assim diz: livre me deixa :  
Mas eu lhe digo, que não.

Ria o Mundo de prazer,  
Ria de satisfação :  
Existe prezo Cupido,  
Nao lhe dou soltura, não.



A<sup>P</sup>E<sup>D</sup>IDO DE UMA SENHORA  
PARA SEU MARIDO AUZENTE.

X  
**EPISTOLA.**

De que sorte, meu Bem, ó caro Espôzo,  
Os males pintarei, que hoje me cercam ? !  
Meu triste coraçao não acha alentos :  
Victima sou da mais cruel saudade,  
Que no pêzo d'auzencia desabrida  
Gemer me faz afflita, e descontente !  
E peno por mim sò, ou tenho ainda  
Duplicado pezar, de ti distante ? !  
Nossa Filha, ai de mim ! p'ra quem dirige  
Seus tenros passos inda mal seguros ?  
Para quem ella corre, a' quem pergunta,  
E saber insta, de que seja a cauza  
D'esconder-se-lhe o Pae, o fido amigo ? !  
Sou Mæe, e minha dôr assim cresce !  
Que esfôrço d'alma, ó Deuses ! não precizo  
P'ra da infancia penas arredar lhe,  
Ah! si eu mesma achar não posso alivio ,  
Remedio, que desfaça a dôr, que sofro,  
Mortal melancolia, que me oprime !  
Tornam-se noites para mim os dias ,  
E, sem elles, a Natoreza em trevas  
Que pôde offerecer-nos agradavel ? ?

E's tu, meu doce Amor, querido Espôzo,  
De meus dias o sol, de minha vida  
O gôstozo prazêr, alma, e socêgo.  
So tu afastar pôdes de meu peito  
Os terríveis tormentos, qu' o flagellam,  
E trazer-lhe as delicias, que lhe faltam.  
Não dês á dura auzencia um largo tempo :  
Volta á meus braços, vêm, não te demores,  
Vêm consolar o coração saudozo  
Da Espoza fiel, que sabe amar-te.  
Em tanto da amizade os puros votos  
Acceita prazenteiro, e sempre os guarda.

---

*Ter amor não é defeito.*

## QUADRAS.

Si na posse d'altos bens  
Vem amor dôce, e perfeito,  
Não desdenhes de meus votos ;  
Ter amor não é defeito.

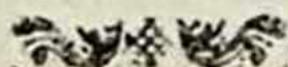
Sim, meu Bem, ó Tirce bella !  
Não é amor contrafeito.  
Tu imperas em minha alma.  
Ter amor não é desfeito.

Já são teus meus caros dias :  
Dominas meu terno peito.  
Tem dó d'esta alma , qu' é tua.  
Ter amor não é desfeito.

Tuas raras perfeições  
A'ti me fazem sujeito :  
Sem cessar elas me dizem :  
Ter amor não é desfeito.

É dos Deuses lei suprema  
A , que nos inflama o peito;  
Si tambem os Deuses amam,  
Ter amor não é desfeito.

Seguir o, que os Numes seguem,  
É da Virtude um effeito.  
Amando a Tirce, os imito.  
Ter amor não é desfeito.



AO ILL.<sup>mo</sup> SR. DR. J. G. DE MAGALHÃES

*em agradecimento da sua sublime Lyra, feita em  
Paris, ás Senhoras Brazileiras, e que se lê  
nos seus Suspiros Poéticos, e Saudades.*

EPÍSTOLA. ( \* )

Essa divina, auris fulgente Lyra,  
Mimo d' Apollo, que à bem ratos cabe,  
Essa Lyra, Senhor, por ti pulsada .  
Que a mente, e o coração absortos deixa,  
Quando os reclamos seus áos Numes alças,  
Ouvi ( com que prazer, e assombro, e gôsto ! )  
Das Brasileiras entoar os dotes !  
Bem-que Bahiana eu seja, assaz conheço,  
Que nem um d'elles me pertence, e toca ;  
Mas grata eu felicito ás Brazileiras,  
As, que usanar-se pôdem com taes mimos,  
Mimos, que um Vate em sublimados Versos  
Benigno fez que eternizados sejam.  
Do Masculino Sexo desprezada  
E' a linguagem tua, encantadora !  
Assim te imita o mui prezado Borges, ( \*\* )  
Que em nossos corações, si eternos fossem,

---

(\*) Esta epistola não foi remetida.

(\*\*) O Excel. Sr. Visconde da Pedra Branca.

**Eterna estimação de jus tivéra.**  
**Com meliflua voz áo som da Lyra**  
**A gratidão ás Mães ambos ensinam :**  
**E o mundo, qu' em desprêzo só nos via ,**  
**Tem d'ambos aprendido á respeitar-nos,**  
**Quem de raras virtudes ennobrêce**  
**O peito, e a razão, e alma pura,**  
**Indulgente é, Senhor, é justiceiro :**  
**Tal em ti divizei, teus versos lendo.**  
**E si por mim desconhecida fosse**  
**Esta verdade, que profiro agora,**  
**Como, sem arte, sem sabér, sem metro,**  
**Te enviara. Senhor, em broncos versos ,**  
**Em tóscas expressões, os meus respeitos ? !**  
**Qu' ouzadia tamanha me desculpes,**  
**Espero de tua Alma generoza.**  
**Em tanto invóco áo Ser Omnipotente,**  
**Larguêie os dias teus , e qu' inda possas**  
**Entre vivas, aplauzos, e festejos,**  
**Em rizos d'alegria, e de prazeres,**  
**A Patria ver, a Patria, que te adora.**



OBSEQUIO

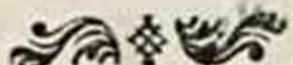
*Do Illm. Sr. Domingos Rodrigues Seixas  
lendo uns meus versinhos.*

- « Quem quer que tão docemente
- « A Lyra pulsa de Apollo,
- « Unindo os cantos de Cisne
- « Com soberbo, airôzo collo,
  
- « Pôde, á meu ver, sem temor
- « Mimo das Muzas julgar-se,
- « E dentre as lindas Bahianas
- « Outra Sapho nomear-se.

RESPOSTA.

Si d' Apollo a Lyra d' oiro  
Pulsar podera, Senhor,  
Em altisonante verso,  
Cantara vosso favôr.

Ser das Muzas grato mimo  
Jucundo prazêr me déra :  
Mandara então vosso Nome  
Além da celeste Esféra.



AOS ANNOS DE MINHA SOBRINHA  
A SNR.<sup>a</sup> D. CLELIA SOARES.

LYRA.

Como purpurina, e bella  
Raiando a Aurora hoje vêm !  
Amôres, Rizos, Prazeres,  
Seguem-lhe as Graças tambem.

As engraçadas Napéas,  
Os hermos bosques deixando,  
C'os de Flora dous mimozos  
Vem de Clelia o Bêrço ornando.

Da divina Lyra Apollo  
Tange as auriferas cordas :  
Por cantar de Clelia os Annos,  
Deixa as meandrinhas bordas.

Igual se tórná áo de Jove  
O seu preclaro natal !  
O Tempo á face de um Nume  
Despreza a fôice fatal.

Enfeitada a Naturêza  
Surri de prazér, de gôsto,  
Thê o annôzo Destino  
Desenruga o fêio rôsto.

Mimozeada com elle,  
Que mais quer a Terra, o Céu ?  
Nôvo turno os Astros seguem !  
Não desdobra a Noite o veu !

Ninguem passará o Lethes  
Neste Dia afortunado !  
Na Barca nêgra Charonte  
Tem os seus remos guardado.

---

### XARADA. 3.

Infécunda hoje sou Mãe.— 2  
Sou herva muito vulgar. — 2  
Exprimo dotes, bellezas,  
Com ingenho singular.



A' UMA REPENTINA TEMPESTADE.

LYRA.

De negras nuvens  
Toldou-se o ar !  
Já principia  
A' fuzilar !

Zunem os ventos,  
Brame o trovão !  
Espavoridos  
Todos estão !

Na erma caza  
Só eu estou !  
De mim o susto  
Se apoderou.

De medo, e frio  
Inteiçada,  
Mal abro os olhos,  
Desanimada.

O mar em serras  
Rebenta irado !  
Eis um batel  
Ja naufragado.

Aquelle tronco  
Annôzo, e forte,  
De horrendo raio  
Sofreu o corte.

Raízes tantas  
Não lhe valeram !  
Ao impio golpe  
Tambem cedêram.

A Mão do tempo  
Tudo consome !  
Thê á si proprio  
Esconde, e some.

Ai ! não se acalma  
A tempestade !  
Oh mizeranda  
Humanidade !

Meu Deus, meu Deus !  
Valei-me ! Sim :  
Mizericordia  
Tende de mim,

AO ANNIVERSARIO  
DA ILL<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. MARIA JUNQUEIRO  
A PEDIDO DE UMA SUA AMIGA.

LYRA.

Eu te saúdo,  
Festivo dia,  
Dia de gloria,  
E de alegria!

Como se ufana  
Com tigo o Mundo,  
O claro Céu ,  
O Mar profundo !

Tu és de Jove  
O mais mimôzo !  
Elle te vólva  
Sempre ditôzo ;

E tantas vezes ,  
Qu' á se contar ,  
Ninguem com ellas  
Saiba aceitar.

Ah! qu' a Fortuna,  
Com migo escassa,  
O meu desejo  
Nao quer que faça !

Si d'ella eu fôsse  
Favoneada,  
Sim, tu verias,  
Marilia amada,

O Universo  
A'ti sujeito,  
E te prestar  
Alto respeito.

Assim contente ,  
Ficâra então  
De gôsto cheio  
Meu coração.



A' MINHA MANA A SENHORA D. ANGELICA.

## COLXEIA.

*Sobre as aras da ternura  
Hei-de erigir-te um padrão.*

## GLOZA.

Inda além da Sepultura  
Teu nome será lembrado,  
Ficará eternizado  
Sobre as aras da ternura.  
E onde nunca murmura  
A falsaria ingratidão,  
Onde puro o coração  
Perante Jove se mostra,  
Onde o culpado se prostra,  
Hei-de crigir-te um padrão.



A' MESMA SENHORA  
INDO PASSAR A FESTA FÓRA DA CIDADE.

LYRA.

Oh ! verde, alegre, matizado Campo ;  
Onde sempre o recreio a vista encontra,  
Onde o grato repouzo, o puro gôsto  
Ao fatigado peito não se negam,  
Angelia, a minha amiga, aecolhe, agrada.  
Os differentes, saborozos fructos,  
Que frondiferos ramos formozâm,  
Essas mimozas flores, com que sabes  
Os valles teus orlar, onde serpêia,  
Murmurando saudoso, o claro rio,  
Tudo lhe offerta, à seus prazeres tudo !  
Ella vai vizitar-te: hospede tua,  
Variados folguedos lhe apresenta  
Ou quando nas campinas, quer nos môrros,  
Os teus vergéis pizar, tua espessura.  
Das espumantes, elevadas ondas  
Os perigos não teme, por buscar-te  
Neste da Primavera ledo tempo !  
E cuida, que sem mim parte, e me deixa ? !  
Mal cuida, e pensa, que sem mim se aparta !  
Si no seu coração eu tenho ainda

Cantinho occulto, que me guarda mēiga,  
S'inda antigos amôres lhe lembrarem  
Ilsonça amiga, que esquecer não sabe,  
Irmã querida, que prezou, que prezava,  
Aos valles, áos oiteiros, prados, bosques,  
Irei com ella ; ou ficarei saudoza !  
E porque sempre na mesquinha vida  
**Hão-de os nossos prazeres ser tão curtos ? !**  
Tempos, que assim mudais os fados nossos !  
**Ou Fados, que mudais assim os tempos !**  
**So mudar não podéis meu peito amante !**  
Funesto dom, que me outorgaram Numes,  
Para tanto sentir d'Angelia a ausencia !  
Adeus, Angelia, adeus ! Os Céus permittam,  
Que d'esses lindos campos, que pizares,  
Para prazeres teus, delicias brotem.



OS ANNOS DE CORA.

LYRA.

Ja rasga rùbida Aurora  
Das trévas o pardo manto.  
Plumôzo cantor desprende  
Suave , e macio canto.

O de Venus bêrço undôzo  
Dormindo parêce estar !  
Aqui d'um regato as aguas  
E' grato ouvir murmurar.

Brando sussurra Favonio ,  
As florinhas agitando;  
Vê-se alegre a Natureza ,  
De multicôres trajando.



Do cimo d'erguido oiteiro  
Resurge de Febo a luz :  
E no meu coração terno  
Que sensações reproduz !

Tudo annuncia festivo  
Teu natal , ó linda Córa !  
Os d'Olympo Sacros Deuses  
Tambem seduz , e penhora !

E quem ha , que negar possa  
D'elles o mitnozo empenho ? !  
Só eu neste alegre dia  
Inteiro prazer não tenho !

Da sempre accintoza Sorte  
Os revézes me couberam !  
Seus ledos mimos ainda  
A' meus dias não vieram !

Nem , para dar-te , possuo  
D'ella si-quer um presente !  
E , para mais afigir-me ,  
Hoje estás de mim auzente !

Embora avarenta guarde  
Seu resplacente metal  
P'ra esses , que á vista d'elle  
O coração nada val ,

Cordeal , extremo amôr ,  
Posso , ó Cora , te offertar ;  
E nao pôde essa tiranna  
D'este gôsto me privar.

Que milhares d'annos vivas ,  
Eu te dezejo , meu Bem !  
E que possuas de bom  
Quanto este Mundo contém.

---

A' MESMA ,  
REMETTENDO-LHE UMA CRAVINA.

De meu Bem , de meu Amôr ,  
Da minha bella Lilina ,  
Vai ser hoje o lindo enfeite  
Mimoza , rubra cravina .

D'esse Bem , qu' escassamente  
Me deixa a Sorte gozar ,  
Ao annelado cabello  
A graça vai augmentar .

Quanto invejo a tua dita !  
Ah ! por ti eu me trocara !  
Então a bella Lilina  
Gostosamente beijara.

Quanto sem ella padêço ,  
Lhe lembra , bonita flor !  
Nao , não dissimules , conta  
Do meu peito a viva dôr.

---

*Tudo lhe faz desprazer.*

### QUADRAS.

Quem de seu Bem vive auzente ,  
Consôlo não pôde ter ;  
Acerbos males encara ;  
Tudo lhe faz desprazer.

D'um lugar á outro corre ,  
Mais medonho áo parecer !  
O dôce Bem não descobre ;  
Tudo lhe faz desprazer.

O coração magoado  
Apenas sente bater :  
Pezados golpes o ferem :  
Tudo lhe faz desprazer.

Na dôr , e no desespêro ,  
Aflieto leva á gemer :  
Lamenta triste existencia !  
Tudo lhe faz desprazer.

A prezada liberdade  
Sem crime ver-se perder ? !  
Caprichos são do Destino ,  
Que se não pôdem sofrer.

---

### XARADA. 4.

No b-a ba tenho parte. — 1  
E nas comparações me acho. — 1  
Si amôr liga os corações ,  
Entre os Soldados m'encacho.



• As doces prizões d'Amor  
• Cada vez me apertam mais.

### GLOZA.

Não cuide Sábio Orador ,  
Que suas doutas lições  
Desliguem dos corações  
As doces prizões d'Amor.  
Cupido áos mortaes , à flor ,  
Anima com gôstos taes ,  
Qu' em conhecê-lo jamais  
Teve desprazer algum.  
Mimos d'elle com meu Bem  
Cada vez me apertam mais.

### Outra.

A' teu rizo affagador ,  
A' teu olhar meigo , e brando ,  
Sinto , que me vão ligando  
As doces prizões d'Amor.  
Esse Deus abrazador  
Grato se entrega áos mortaes ;  
Nem são , Jozina , fataes  
As suas setas buidas !  
Com tigo de amor as lidas  
Cada vez me apertam mais.

• E' feliz entre os mortaes ,  
• Quem chega á gozar seu Bem.

### GLOZA.

Quem não sabe o, que é dar ais,  
Quem tem livre o coraçao ,  
Quem não prova ingratisao ,  
E' feliz entre os mortaes.  
Quem goza bens tão reaes ,  
Que alegre vida entretêm ,  
Tudo mais vê com desdêm :  
D'aquelle os bens não inveja ,  
Nem que muito feliz seja  
Quem chega á gozar seu Bem.

### Outra.

Cupido as armas fataes  
Aós pés de Lilia lançou ,  
Com ellas Lilia se ornou ,  
E' feliz entre os mortaes !  
Goza dos dons divinaes ,  
Ja c'os Deuses se entretêm !  
Ao mundo mais não convém  
A nova socia d'Amor :  
Ella fere com rigor  
Quem chega á gozar seu Bem.

MOTE.

« *De quem sou, inda-que morra,*  
« *Isso nunca direi eu ;*  
« *Porque, de quem sou, me pede,*  
« *Que eu não diga, que sou seu.*

GLOZA ( \* )

Gozar de quantos favores  
Tu, meu Bem, me pôdes dar ;  
De teus labios escutar  
A linguagem dos Amores,  
E' têr da Sorte os primores,  
Qu'a ti manda, que eu recôrra,  
E com ternura concôrra  
A' teu suave prazer :  
Mas ordena não dizer  
De quem sou , inda-que morra.

Dotes taes não esconder ,  
A' minha gloria convinha :  
Dar ideia, ó Céus ! eu tinha  
D' um tão ditozo querer.  
Porém cumpre obedecer

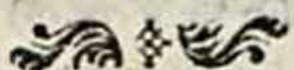
---

(\*) A' pedido do sr. A. J. T., que me deu o mote.

A' meu Bem, áo mando seu,  
A' quem o coração meu  
Vive por gôsto sujeito ;  
Si assim quer, si é seu preccito ;  
Isso nunca direi eu.

De meu Bem segrêdo seja  
O nome, nome querido ;  
Mas não, qué vivo pêrdido  
Por mimos, qu'Amor almeja.  
Si áo mundo nao dou, que veja,  
Quem tanto as Graças excede,  
Uma força ha, que m'impede :  
Qual minha Bella não digo ;  
E taes dictames eu sigo,  
Porque, de quem sou, me pede.

Vede, ó mortaes ! que ventura  
Para mim guardava o Fado !  
Amar, ser tambem amado,  
Possuir tal formozura,  
Qu'excede á toda pintura !  
Quanto é bom, tudo me deu,  
O meu Bem me offereceu  
Terno amôr, seu coração ;  
Mas com esta condiçao,  
Qu'eu não diga, que sou seu.



## QUATRAIN.

Je veux que de nos amours  
Ne spécifiez pas les faveurs :  
Chantez leurs divins ardeurs  
Sans les dénoncer toujours.

*Idesfonçæ.*

## TRADUÇÃO.

## QUADRA.

De nossos amores quero,  
Não revelais os favôres :  
Cantai, porém cautelozo,  
Os seus divinos ardôres.

## ESTRIBILHO.

Não vale menos  
Saber amar,  
Qu'os dons d'Amor  
Nao publicar.

*Pelo sr. R. X. de Figueiredo Ardignac.*



A' MINHA MAMA A SENHORA D. ANGELICA  
à pedido de nossas sobrinhas, q' com ella vivem;

## QUADRAS.

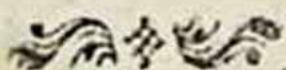
Nosso amôr patentear-te,  
Não deve, Angelia, ser crime;  
Nada sao nossos encomios  
Para a tua Alma sublime.

## ESTRIBILHO.

Que o coração  
Assim se exprima,  
Permitte, Angelia,  
A quem te estiuua.

Qual viçoza em ti remóça  
Da Virtude arvore bella,  
Assim renovar-te havemos  
Louvores em honta d'ella.

Tu és da nossa amizade  
O penhor mais precioso.  
Sem ti é nada a existencia,  
Com tigo é dom valioso.



AO ILL.<sup>mº</sup> SR. R. X.er DE FIG. do ARDIGNAC,  
ENTÃO NA ILHA DE FERNANDO.

LYRA.

E' crivel jaza em silencio  
D'Ordrigo a cadente Muza ? !  
De Apollo a suave Lyra  
Pulsar os sons ja não uza ? !

Sons á Jove tão queridos ,  
Como aos mortaes não serão ? !  
Mormente quando n'auzencia  
Partem bem do coração !

Nessa Ilha a idade d'ouro  
Deve agora começar ,  
Ordrigo as bellezas d'ella  
De-certo que as foi levar .

Entretido ja s'esquece  
Da Patria, de quem lho estima ? !  
Dos Parentes puro amôr  
O peito lhe não anima ? !

Não, não creio; e firme espero,  
Qu'inda Ordigo me ha de dar  
Gratas lições de seus Versos,  
Que me sabem doutrinar.

---

## RESPOSTA.

« Si nos campos do Céu, reino do Génio;  
« Eu podesse colher miúdos astros,  
« Dos versos, onde alçaste ao Céu meu nome;  
« Crôa d'etherea luz seria o premio.

A. F. de Castilho.

## LYRA.

« Silencio culpozo, tardo  
« Escuza, ó Babiana Moza ,  
« A'quem pulsar maga Lyra ,  
« Qual sóes , não sabe, não uza.

« Dôces, queridos accentos,  
« Mais qu'os tens, jamais serão ;  
« Elles meu ser deliciam,  
« Enlejando o coração,

« Vate por si tanto embaldo  
• Rude verso começar ;  
• Qu'ao Porvir vedado fôra  
• Meu nome à Glória levar.

« Tu, ó Sapho Brazileira,  
• Tu, das Caménas estima ,  
• A' Cisne implume, medrôzo,  
• Humildes vôos anima.

« Eia , meiga a voz desata,  
• Qu'Apollo apronve te dar,  
• Voz, que terna, que sublime  
• Sabe os mundos doutrinar.

---

*Não por vangloriar-me, mas somente por apresentar o alto merecimento, de que é digno o Ill.<sup>mo</sup> Sr. Alf es Rodrigo Xavier de Figueiredo Ardignac, que vive como que desconhecido nesta sua Patria, publico as seguintes peças, com que se faz o favor de honrar-me, e terei a satisfação de ainda dar áos meus Leitores outras suas não menos primorosas produções.*

• *In honorem Præstantissimæ Bahiæ Vatis  
Hæfontiæ Lauræ Cxsaris.*

### EPIGRAMMA.

- Quæ nitidos flores, rerum quæ Dominum cantas
- Carminis, Ilsonia, flosque, nitesque Diva.

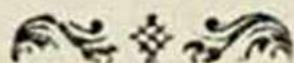
### TRADUÇÃO.

- Tu das florinhas immortal Cantora,
  - Qu' hymnos entâas áo Regedôr do mundo,
  - Flôr das Camenas, e do Verso Nume,
  - Tens, Ilsonça, meu preito o mais sublime.
- 

### XARADA.

- « Na Lingua de Parny eu sou pronome.—1
- E sou prepozicão em Luso idioma.—1
- Nao acháras sem mim a fresca fonte.—1
- Masculino appellido se me toma.—1

- Meu nome designa
- Bahiana illustrada,
- A Lirica Vate,
- Por Vates cantada.



A' SAUDADE.

LYRA.

Junto d'estas érmas fragas,  
Neste sombrio lugar,  
De vêrdes ramos tecido,  
Vizitado pelo mar ;

Onde em-vão se procur'ra  
Dos humanos a pegada;  
Estarei até, que a Noite  
Indique a triste chegada.

Das sonoras avezinhas  
O maviôzo trinado  
Talvez alivio me traga  
Ao coração magoado !

Gorgeiando o Sabiá,  
Entôa o saudoso canto:  
Acerbou-me o duro mal !  
Desfaz-se-me a alma em pranto !

D'aquellas erguidas serras  
Passaros de negra cõr  
= Peito-ferido = repetem ;  
No meu mais se aviva a dôr !

Julgava, que no refito  
Encontrasse algum prazer ;  
Qu'os passarinhos fizessem  
Minhas mágoas esquecer.

Enganei-me ! aves, e bosque,  
O Sol seu giro á findar,  
O fragôr das surdas vagas ,  
Tudo me faz avivar

Os estragos, qu'a Saudade  
Desfechava no meu peito !  
Ah, meu Bem ! é tua ausencia,  
Donde emana um tal efeito.



UM SUSPIRO A' MINHA IRMAN,

LYRA,

Suspiro , que o ar vaguas !  
Não gires disperso , não ;  
Procura a leda morada  
D'Angelia do coração.

Mas aonde te encaminho ,  
Meu Suspiro magoado ? !  
Si Angelia á meus aís tem sempre  
O coração bronzeado !

Si com ternura em seu peito  
Te assentares maviôzo ,  
E lhe dieres , que o meu  
Vive por ella saudôzo !

Inda-quê por verdadeiro  
Te conheça realmente ,  
Por infeliz voltarás  
A' teu logar descontente !

Que me lacére não teme ,  
Nem lhe move a piedade ,  
A viva dôr , qu' exp'imento  
Da mais pungente saudade !

Talvez carinhos , desvellos  
Dedique Angelia amoroza  
A' quem , como eu , não saiba  
Amal-a tao extremoza !

Forçozo é sofrer meu Fado ,  
E tambem d'ella o querer !  
Torna , meu Suspiro , vêm ,  
Vêm no meo peito morrer .

---

### CANCONETA.

Vem gozar , Angelia amiga ,  
D'esta branda viração ;  
Vem com migo estar um pouco ,  
Alegrar meu coração .

Ai de mim ! que não me attendes !  
Eu te chamo , e chamo em vão !

O canto das avezinhas,  
O clare-tôxo d'Aurora,  
Teu coração não seduz  
Cos dons da mimoza Flora ? !

Como vêm macio o Sol !  
Como tudo brilha agora !

A face dos objectos  
Vai de-repente mudando  
Febo, que c'os aureos raios  
A tudo vai animando.

E minha Angelia não ouve,  
Não ouve, qu' a estou chamando !

Da fonte à longe o sussurro  
Tambem agrada, te digo ;  
As voltas, que faz, verás,  
Si quizeres ir com migo.

Verás então, si á teu lado  
O meu mal eu não mitigo !

Sobre as águas cristalinas  
Verás a Ninfá formosa  
Dezejando a tua vinda,  
Como eu tão ancioza.

No regaço da ternura  
Te espero, Angelia mimosa.

Quanto céreca esta morada  
Um ar de alegria tem:  
Edifícios, arvorêdos,  
Belleza, tudo contém.

Para mais não desejar,  
Vem comigo estar, men Bem.

Ao som da lyra sonóra,  
Qu' Apollo me concedeu,  
Ouvirás, si te agradar,  
Entoar o nome teu:

As excelsas qualidades,  
Qu' o Ser Supremo te deu,

Esse, que gôzas, prazeres  
Na Cidade ataviados,  
Com migoas sempre envolvidos,  
Se tornam desanimados:

Mas estes, p'ra que te chamo,  
São de gôstos variados!

Do seu peito era a ditiza  
Amor, brandura, amizade:  
Como hoje folgas, qu' eu sinta,  
Por não ver-te, agra saudade?!

Deixa da côte uns instantes,  
Vem vêr-me por piedade.

Adoça minha agonia,  
Quanto sente o coração.  
Não recompenses amor  
Com severa ingratidão.

Aí de mim! que não me atendes!  
Eu te chamo, e chamo em-vão.



• Ao som da lyra um gemido,

### QUADRAS.

Na dura ausencia de um Bem,  
Triste, opreso, e consumido,  
Nem para alivio me basta  
Ao som da lyra um gemido.

Tem Marilia um lindo peito,  
Mas, qual pedra, endutecido!  
Nem uma emocioäo lhe causa  
Ao som da lyra um gemido.

Meu mal recresce! Qu' angustia!  
Não ser de Marilia ouvido!  
Arquejando apenas sólto  
Ao som da lyra um gemido.

Nos apuros da saudade,  
Nos delirios do sentido;  
A vida exalo, exalando  
Ao som da lyra um gemido.



## LYRA.

- » Câ da estancia da Saudade ;
- » Batendo as azas doitadas ,
- » Vai levar-te Amor ligeiro
- » Minhas letras desgraçadas.

### ESTRIBILHO.

- » Ah ! Constança , não me furtes
  - » A tua face querida :
  - » Sem ella me dás a morte ,
  - » Com ella me dás a vida.
- 
- » Não são expressões polidas ;
  - » Mas são sentidas endeixas ;
  - » São expressões do desgosto ,
  - » Qu' encerram doridas queixas.
- » Ah ! Constança , &c.

« Elas vão ante os teus olhos  
» Abrir-te meu coração ,  
» Exporte n'um quadro breve  
» Os efeitos da aflição.

» Ah ! Constança , &c.

» Víctima infeliz d'amor ,  
» Ha dias , que sem te ver ,  
» Na minha alma desgraçada  
» Morre o germe do prazer.

» Ah ! Constança , &c.

» Meu coração , qual a flor ,  
» Que e' o rocio florêce ,  
» Com tua vista se anima ,  
» Sem tua vista amortêce.

» Ah ! Constança , &c.

» Constança , linda Constança !  
» Si uma alma tens inda amante ,  
» Por teu semblante te peço ,  
» Não me surtes teu semblante.

» Ah ! Constança , &c.

» Verás então , qual a noite ,  
» Que foge á vista do dia ,  
» A' vista d'um teu sorriso  
» Fugir-me a negra agonia.

» Ah ! Constança , &c.

» Nas tuas mimozas faces ,  
Que Venus sente não ter , (\*)  
» A' longos sôrrios ver-me-ás  
» Beber nectario prazer.

» Ah ! Constança , &c.

---

## XARADA. 5.

Sempre me verão na roda. — 1  
Sou tecida grossa, ou fina.— 2  
Ando no prado , no bosque ,  
Em caza sou da menina.

---

(\*) Para honrar-me com a escolha d'este verso meu, de que se serviu nesta excellente Lyra o seu digno Autor o Illm. Sr. Guilherme Balduino Imbitas-sú Camacan , communicou-me a dita Lyra, que publico para abrillantar este meu folheto, e em signal da estima, e aprêço, de que é merecedor.

AOS ANNOS DE MINHA SOBRINHA A SENHORA  
D. ANNA CLARA CEZAR VIANNA.

LYRA.

Faz annos hoje  
Bella Naninha :  
Amôr por ella  
Me acarinha.

E nem ao-menos  
Dizer-lhe adêus !  
Quanto são tristes  
Os dias meus !

Mas quanto sinto  
Tão longe estar ,  
Que nem a posso  
Terna abraçar !

Jove , que pôde  
Tudo fazer ,  
Lhe dê venturas ,  
Lhe dê prazer.

Taes meus dezejos ,  
Minha ambição ;  
Qu' amo á Naninha  
No coração.

A' MESMA.

Não manda o Céu , qu' eu auzente  
Viva de Naninha bella !  
Mas a ferrea escravidão  
Me priva de estar com ella !

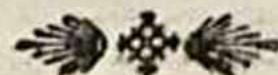
Si tu dō, ó linda Naniha,  
Se sujeita áo Tempo instavel,  
Como elle , todo o successo  
Pode ser tambem mudavel.

Si por agora não posso  
De ver-te o gôsto provar,  
Um dia o Tempo trará  
O de podêr te abraçar.

Nada existe permanente  
Nesta vida desgraçada !  
O rizo em pranto se tórnā,  
O prazér se tórnā em nada.

Tudo à terra a morte arroja ,  
Sem conhecêr distincção !  
O Soberbo, o Rico, o pobre,  
Nella confundidos são.

De memória estas quadrinhas  
Tome Naniha tão linda !  
Só a morte estorvará  
Qu' eu não possa vel-a ainda.



A' PEDIDO DE MINHA PRIMA A SENHORA D. ANNA RITA  
PARA A EX.<sup>ma</sup> SENHORA D. ISABEL DA SILVA LISBOA.

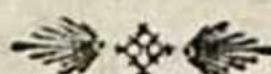
LYRA.

Oh ! Lyra, qu' enastrei de vêrde-nègras,  
Tristes saudades, qual minha alma triste !  
Ergue sonôros sons, que chegar possam  
A'os d' Isbella gentil meigos ouvidos !  
Sim, de meu peito os lastimozos males,  
Os acerbos tormentos, qu' o oprimem ,  
Qu' ella terna os escute, e compassiva  
Tambem no Peito seu os depozite.  
Dado me foi penar! o desta vida  
Agro quinhão dos desditzos Entes!  
A dita d'existir, gozando os inímos  
Da Fortuna, e Saúde, me vedaram  
Tirannos Fados, meus verdugos certos !  
Restava-me, á sofrê-l-os paciente,  
A bemfazeja Mão, os Feitos dignos  
D'Aquelle, ( \* ) á Quem usana, o'minha Isbella ,  
O ser devêste para glória tua.  
Tiranna m'o roubou a crua Morte !  
E neste mundo, qual deserto ingrato ,  
Lastimo, chôro tão sensivel pêrda.

---

( \* ) O Ex.<sup>mo</sup> Visconde de Cayrú.

O, qu' aos Deuses é dado, foi desfêzo  
A' os mizeros mortaes por longas eras  
Contentes possuir, gozar contentes.  
**S**im, Isbella querida ! Uma Alma justa,  
De Virtudes modelo, arrimo forte  
Do desvalido, desditôzo orfam,  
Na prática do Bem sempre incessante,  
De um Deus ao lado emparelhar devia :  
**E**sta a consolaçao, que nos confórtta !  
**T**u, de suas Accções digna Herdeira ,  
Isbella carinhoza, amiga Isbella,  
Os da antiga amizade ardentes votos,  
A mais constante, desvellada estima,  
Gratidão eterno áos teus favôres,  
Do coração, que te amo, aceita, e guarda,  
Possa a Fortuna de seus Bens Celestes  
Com tigo repartir pródiga sempre.



ERRATA.

*Na pag. 69, verso 4.º da traduçâo, em lugar de  
— sublime —, que por engano se escreveu, leia-se  
— profundo.*

PARA AS DISCIPULAS DE MINHA IRMÃ CANTAREM  
NO DIA DE SUAS FERIAS.

LYRA.

Fertil, e grato Dezembro ,  
Qu' as Férias nossas trazêis !  
Por brincos sérios estudos  
Que troquêmos, vós fazêis.

D'ultimar nossa tarefa  
Hoje a victoria cantâmos :  
Repouzem as bellas artes,  
Com qu' a Scienza buscâmos ,

D' encantadoras colinas,  
De lindas flores orladas,  
Vamos buscar os contornos,  
Pelo prazer animadas.

E não muito vos apressêis ,  
Janeiro, no giro vosso !  
Deixai, que saboreêmos  
O folguêdo, o gôsto nosso.

Da nossa Mestra, e amiga,  
O nome, nome querido,  
Com saudade, e com ternura,  
Será sempre repetido.

E nossos braços com amor  
Se estreitem áos braços seus;  
Entre soluções chorâmos  
A'lhe dizermos adéus.

OUTRA.

Dia de gloria,  
De prazer cheio,  
Que nos trazer  
Dezembro veio !

De bellos topes ,  
Lindas grinaldas ,  
Nos vemos hoje  
Todas ornadas !

Na idade nossa  
A alma nao sente  
Um maior bem,  
Melhor prezente !

É doce paga  
Da aplicacão.  
A'que nos demos  
Com attenção.

Gostoso fructo,  
Incomparavel,  
Traz a Sciencia  
Sempre duravel.

Mas entre os gôstos  
Da curta vida  
Sempre a tristêza  
Ainda envolvida !

Bem-que fadigas  
Ella nos custe,  
Seu nobre empeaho  
Não nos assuste.

A nossa Mestra  
Como deixar,  
Sem qu'a saudade  
Faça chorar ?

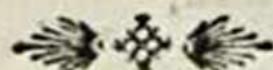
Hoje cantâmos  
D'ella a victoria.  
É immortal  
A nossa gloria.

Perdes, ó Dia!  
De teu valór,  
Nos apartando  
Do seu amór.

---

## XARADA 6.

Sou verbo mui comezinho. — 1  
Estou de ti tão distante,  
Que me acharás n'um instante. — 2  
Apôsto, que o mais sabido  
Me faça seu illudido.



LOUIS AIMÈ MARTIN A' SOPHIE  
Lettre 30, Tom. 3.<sup>o</sup>

*Je coule des moments heureux  
Auprès d'une amante fidèle ;  
Je n'existe pas seul quand je suis avec elle,  
Et cependant nous ne sommes pas deux.*

TRADUÇÃO.

*Instantes felizes passo  
Com minha amante fiel ;  
Quando com ella estou, dois nos juntâmos,  
E com tudo nós dois um sér formâmos.*

---

A'MINHA SOBRINHA A SENHORA  
D. BEATRIZ CEZAR DA SILVA.

QUADRAS.

*Tem de Délia o casto peito,  
Das Graças a perfeição,  
De Venus toda a belleza,  
Betriz da coraçāo.*

Porém à todas excede  
Na sublime condicção  
De ser amiga constante  
Betriza do coração.

Reuniu quanto era bello,  
E mais digno d'attenção,  
A Natureza, formando  
Betriza do coração.

Pode contar-se feliz  
Quem ganhar sua afseição ;  
Que mimos tem divinaes  
Betriza do coração.

---

A'MESMA

A' PEDIDO DE MINHA MAMA A SNR.<sup>a</sup> D. ANGELICA.

LYRA.

Presta-me, ó Muza,  
Sublime canto !  
E' nobre o empenho,  
Que move à tanto !

Quero á Betriza  
Hoje louvar ;  
Quero seus dons  
Grata entoar.

Sua amizade  
Constante, e fida,  
Faz a delicia  
De minha vida.

Sempre cuidóza  
De, quanto é meu,  
Despreza até  
Tudo, qu' é seu.

Desvellos mil  
A'cada instante  
Me presta alegre  
Seu peito amante.

Nobres acções ,  
Rara virtude ,  
Ella as pratica,  
Sem-qu' as estude.

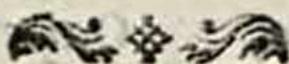
Si arduo trabalho  
Tenho á vencer,  
Betrita o toma  
De seu prazer.

Altēia, ó Muza,  
A minha lyra !  
Faze, qu' as cordas  
Suave eu fira:

Fingir não sabe  
Seu coração,  
Nem sua bocca  
Dizer, que não.

E tão sonoras,  
Que á seus accentos  
Tudo emudeça !  
Sejam attentos !

Assim eu possa  
Áos céus mandar  
Tao dignos Dotes  
Eterñizar.



A MINHA IRMÃ A SRN.<sup>a</sup> D. GUILHERMINA  
EM DIA DE SEUS ANNOS.

LYRA.

« Como linda se levanta  
« Hoje a Aurora purpurina,  
« E vêm celebrar risonha  
« O natal de Guilhermina !

ESTRIBILHO.

« Tudo é jocundo  
« Neste aureo dia !  
« Anima à tudo  
« Dôce alegria.

« Colhe Flora apressurada  
« Mil flores nesta campina ;  
« Urde grinaldas em hontã  
« Do natal de Guilhermina.

« A linda Lanra de Saphos  
« A mimoza Lyra affina.  
« E celebra em alto estillo  
« O natal de Guilhermina.

Pelo Sr. G. Balduino Imbirussù.

A' MESMA SENHORA.

LYRA.

Cantar, Ermina,  
O natal teu ,  
E' d'outro engenho  
Maior, que o meu,

Porêm sinêzas  
Do coração  
Render-te posso  
Por gratidão:

Na lyra, ufana,  
Pegar eu dêvo,  
Sendo de um Deus  
Mimôzo enlêvo ? !

Aureos thezouros  
Quizéra ter,  
Para com ellas  
Te offerecer.

Pertence áos Sabios,  
A'os Balduinos, (\*)  
Hoje entoar-te  
Festivos Hymnos.

D'elles a Sorte  
Me têm privado !  
Mas o desejo  
Nao me é vedado.

Castalios tragos  
Beber podéram ;  
Teu nome áos Céus  
Voar fizéram.

Com o, que te fôr  
Ledo, e prezado ,  
Benignos Evos  
Te dê o Fado.

---

(\*) O referido Sr. Balduino Imbirussù Camacan.

Sinceros votos  
São, eu te juro,  
De terno amor  
Em grande apuro.

Acceita, Ermina,  
Meu coração:  
Viva entre nós  
Dóce união.

---

A'OS ANNOS DE CORA.

**LYRA.**

Sim, minha Lyra,  
Com voz sonora  
Celebra os annos  
Da linda Cora.

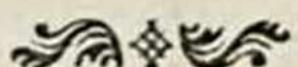
Eu te saúdo,  
Bonita Aurora !  
Qu'os annos trazes  
Da linda Cora.

De ser mortal  
Cessas na hora,  
Qu'o genio louvas  
Da linda Cora.

Mas tão brilhante,  
Tao linda Aurora !  
Tu não excedes  
A'linda Cora !

Deusa não há,  
Nem mesmo Flora,  
Qu'igualé ás graças  
Da linda Cora.

De um Deus empenho,  
Deuses namóra  
A Perfeição  
Da linda Cora.



*Não faço sinão chorar.*

**LYRA.**

Quando na lyra ja velha  
Algum som quero entoar,  
Da bella Cora me lembro,  
Não faço sinão chorar.

Seus encantos, suas graças  
Ja não me cabe lograr !  
Longa auzencia nos sepára !  
Não faço sinão chorar.

Ja não tenho mais quem possa  
Minhas penas adoçar !  
A bella Cora me falta !  
Não faço sinão chorar.

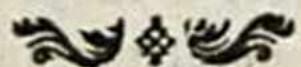
Quem podéra do Destino  
Léis tão barbaras mudar !  
Mas elle não as deroga !  
Não faço sinão chorar.

Os tristes restos da vida  
Quero à Saudade immolar.  
Nada jucundo me toca !  
Não faço sinão chorar.

Como pois, cançada lyra,  
Te hei-de alegre pulsar ? !  
Faltando aquella, que adoro,  
Não faço sinão chorar.

Nem posso mais tuas cordas  
Sonorozas afinar !  
Cruel tristeza me oprixe !  
Não faço sinão chorar.

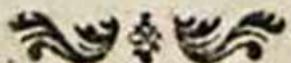
Com o ja passado tempo  
Este quizera trocar !  
Então a vida gozara  
Sem de-continuo chorar.



A' SAUDADE.

LYRA.

Ditôzo o, que não teve do passado  
Alegres dias à chorar presente !  
Feliz, quem não possue, quem não espera  
Haver da Sorte, p'ra sofrer mudanças !  
Triste, quem as idéias revolvendo,  
Os gôstos traz das glórias, que acabaram ,  
Os sentidos oprime , e se atormenta,  
Sem nunca á seu penar achar conforto!  
As leves azas sem cessar batendo  
As ledas horas, repentinhas fôgem,  
Deixando apenas na sensivel alma  
Ternas saudades, dolozas mágoas !  
Ai ! não mais me apuréis, dôces Memorias ,  
O ja passado tempo, que não volta !  
Não façais mais pezados, mais afflictos,  
Mais tristes, mais cruéis esses instantes,  
Que, sem essas lembrâncias, vivêr posso !  
Meus olhos de chorar a luz ja perdem !  
Triste victima sou de atroz saudade !  
Defendêr-me não posso d'esses danos ,  
Que sofresse ordenou austero Fado.



## QUADRA.

D'uma saudade o rigor  
Vem-me o peito apunhalar:  
Si é triste não ser amada ,  
E' martirio auzente amar.

## GLOZA.

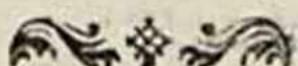
Ah ! meu Bem ! é deleitozo  
Recordar ternos instantes ,  
Que dois sensiveis amantes  
Desfructam em pleno gôzo.  
Nao ha prazêr mais gostôzo ,  
Qu' o nectar provar d'amôr ;  
Mas si amargo dissabôr  
O seu flagello vem ser,  
Basta fazel-os sofrer  
D'uma saudade o rigor.

Ella me tem mergulhada  
Na mais horrivel tristeza !  
Da Sorte sinto a fereza ;  
Vivo ; mas desanimada.  
De ver-te , meu Bem , privada ,  
Não faço sinao chorar !

É posso alivio encontrar ?  
Nao ; que longe de meu Bem ,  
Mortal ciúme tambem  
Vem-me o peito apunhalar.

Assim a vida se passa  
Entre a dôr , entre o pezar ,  
Sem-que se possa vedar  
Da Fortuna a mão escassa !  
Embora pretenda , e faça  
Parecer mais moderada  
A cauza , porque , magoada ,  
Dou-me á rude padecer :  
Tanto , que não sei dizer ,  
Si é triste não ser amada.

Nesta êrma solidão ,  
Onde vivo descontente ,  
Por não ter-te aqui presente ,  
Se augmenta minha aflicçao.  
Constante meu coração  
Se firma em te idolatrar :  
Mas nada o faz socegar ,  
Si vives de mim distante !  
Neste estado delirante  
E' martirio auzente amar.



A' O DESPOZORIO DE MINHA SOBRINHA Á SR.<sup>a</sup>  
D. MARIA LIBERATA CEZAR VIANNA.

LYRA.

A' os Deuses todos cõuberam  
Thezouros d'alta grandeza ,  
Pobre Cupido nem teve  
Atavios da riqueza !

Nuzinho constantemente  
Resiste á toda Estação ,  
Apenas tendo de seu  
Um arco e frêcha na mão.

Estas são armas bastantes ,  
Com que temido se fez ,  
De sorte , que os Deuses todos  
Respeitam sua nudez.

Dos corações governante ,  
Nelles firma tal poder ,  
Que vencêl-o , ainda não consta ;  
Podesse o ouro , ou saber.

Enleados na ternura ,  
Nos doces carinhos seus ,  
Os amantes satisfeitos  
Dão cultos á este Deus.

A todos torna contentes ,  
A' o rico o pobre igualando:  
Amor, sobranceiro, vela ,  
A van Fortuna calcando.

Si assim não soubesse Amor  
De Pluto os cofres vencer ,  
Quem não tem mais , que ternura ?  
O que havia merecer ?

Refreando pois da Sorte  
A mudavel condição ,  
Feliz torna á quem consegue  
A posse d'um coração.

E' o da bella Marilia  
Extremozo, e tòdo teu :  
Bizerra, que o recompenses ,  
Concede , permitta o Céu.

Mais dôces, que o mel mais dôce ,  
Os seus carinhos te sejam ;  
Por Cupidos suscitados ,  
Contente sempre te vejam.

---

A' O MESMO OBJECTO.

LYRA.

Em laço estreito ,  
E deleitozo,  
Tão lindo Par  
Viva ditozo.

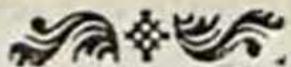
Ternura gozem  
Celeste, e pura ,  
Inda melhor,  
Qu' a formozura.

Amor lhes firme  
Nos corações  
Almos prazeres,  
Consolações.

Extremos d'alma ,  
Sempre amoroza ,  
Lhes dêm assagos,  
Vida gostoza.

E seus trabalhos  
Sejam somente  
Tuas fadigas ,  
Amôr potente!

Tal , qu' invejados  
De todos sejam !  
Sempre queridos ,  
Ledos se vejam.



*Sobre o mesmo objecto.*

A' MINHA IRMAN A SEN.ª D. ANGELICA  
A' PEDIDO DE NOSSA IRMAN A SENHORA  
D. ANNA ROZA CAMINHA VIANNA,

**ELOGIO.**

Em honra da Virtude, ó minha Lyra,  
Soltai divinos sons, em que se escutem  
D' Angelia bemfazêja o Nome caro,  
As accões liberaes, rara amizade,  
Com que os filhos meus tem accolhido,  
Quaes fossem filhos seus, velando sempre  
Em suas precizões com empenho tanto,  
Com taes affagos, e ternura, e mimos,  
Qu' o sér de Mão depuz no abrigo d'ella !  
Dourai-vos, grato Dia, amêno, e bello !  
Como fazéis, que no meu peito exulta  
O coração, em gôstos engolifado !  
Sôis o segundo, que trazêr-me vindes  
Nas azas do Prazêr alma alegria !  
Sem d' Angelia o socorro vividouro,  
Como ter eu podéra alta ventura  
De vêr as filhas, da minha alma extremos,  
Em Laço Conjugal ah! tão ditozas !  
De taes favôres em tributo escasso  
A'os Netos meus ensinarêis, ó filhas,

D' Angelia articular primeiro o Nomē,  
Qu' em nossos corações perdure eterno;  
E com signaes d'amor, d'alto respeito  
As Maōs beijar-lhe, dadivozas sempre !  
D' Angelia aprender vinde, ó Potentados,  
Sublimes Feitos, qu' imitar vos cumpre !  
Essas riquêzas, que da Sorte houvestes,  
Larguear aprendei , qual sabe Angelia  
Tantos bens exercer , sem-que a Fortuna  
A tenha com seus dons favozeado.

---

### XARADAS. 7.<sup>a</sup>

Sou da Muzica figura. — 1  
Entre as fructas singular. — 2  
O Nascido Redemptōr  
Valimento me quiz dar.

### 8.<sup>a</sup>

Sou de lugar adverbio. — 1  
Qual ~~Hydrópico~~, pezado. — 2  
D'aquelles , que se desfarçana ,  
Sou precizo , e procurado.



A'OS ANNOS DA ILLUSTRISSIMA SENHORA  
D. LUIZA SOARES.

LYRA.

Como risonho , e alegre  
Vem nascendo o bello dia !  
O Sol com dourados raios  
De-todo nos allumia.

Melodiozos gorgêios ,  
E de raminho em raminhos ,  
Trinam contentes , saltando ,  
Innocentes Passarinhos.

Um lacinho ja preparam  
Para o melhor apanhar :  
Eis-que vejo o mais bonito  
No verde galho pouzar.

N'uma gaiola o tomei  
Chèia de vivo prazer ,  
Mas o triste se lamenta !  
E d'elle me faz doer !

» Não vês , tiranna (me diz  
A engraçada Avezinha)  
» Qu' eu cantava alegremente  
» Os annos de Luizinha ?

» Não sabes , que neste Dia  
» Tudo respira prazer ?  
» E pois manchal-o tu queres ,  
» Privando-me hoje de a ver ? !

Ah ! perdõa meu delicto ,  
Mimoza , e bella Avezinha !  
Eu te dou a liberdade  
Em nome de Luizinha.

Que seus ledos annos sejam  
De todos sempre estimados ,  
Assim , como cem sobr'estes  
Lhe são por mim desejados.



A O SEMPRE GRATO DIA 2 DE JULHO.

HYMNO.

Com tigo, ó Dia Festivo ,  
Um só se pôde igualar !  
O primeiro, que risonho  
Vêio o Mundo clarear.

ESTRIBILHO.

Bahia ! Patria d'Heroes !  
Não temas a Sorte impia !  
Sempre terá Defensores  
De Julho o Segundo Dia.

Um Deus , que Sábio , e Potente,  
Quiz perdurar-lhe a memoria ,  
Fez em Julho renascesse  
Dia Dois, d'immortal gloria.

Que te seja indiferente  
Haverá Bahiano Peito?!  
Um so não ha , que não sinta  
Do Prazér o dôce effeito.

Quem frostil cohórte in'miga  
Do Patrio Sólo expulsou ,  
Viva ! que mostra dos Deuses  
A sua origem tirou !

Bahia ! Patria d'Heroes !  
Nao temas a Sorte impia !  
Sempre terá Defensôres  
De Julho o Segundo Dia.



A' O ILL<sup>MO</sup>. SR. GUILHERME BALBUINO IMBIRUSSU<sup>2</sup>.

### EPISTOLA.

Por-que deixas , Belcino ,  
Assim de apparecer ? !  
Alguem d'esta morada  
Chegou á te offendêr?

Não venhas allegando  
A trabalhoza lida ! ( \* )  
Que temos para tudo  
Instantes nesta vida.

Não seja a Indifferença  
Motivo da esquivança ? !  
Amizade Laurinda  
Sincera te affiaõça.

---

RESPOSTA.

LYRA.

• Entregue á dôce arrôbo  
• C'as Muzas conversava ,  
• Gentil Laurinda ! e as cordas  
• Da Cythara apalpava.

• Quando feriu-me o timpano  
• O som da tua Lyra ,  
• O som harmoniôzo ,  
• Qu' o proprio Apollo inspira.

---

( \* ) *O Ensino Publico da Lingua Latina, de que todos o reconhecem profundo Mestre.*

« Dependurando a Cythara ,  
« Entrei-lhe a exclamar :  
« — Quando canta Laurinda,  
« Não dêves mais cantar.

« Eis m' interrompe Clio :  
« Nada d'esmorecer ,  
« Joven ! vai d'esta Cisne  
« Dôces lições beber.

« Só assim d'esta Saphos  
« Te pôdes pôr ào nível.  
« Mas, si me falta o tempo,  
« Como será possível ?

« Si trabalhoza lida  
« Me tira esse prazér ?  
« Não é qu' a indifferença  
« Em mim possa caber.

« Vai , Clio , de-repente ,  
« E dà-lhe este recado :  
« Mostra quanto Beleino  
« Hoje vive occupado.

« Que não queira do Vate  
» Mau conceito fazer :  
« Em sim, qu' hoje de-noite  
« Lá heide apparecer.

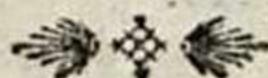
« Mais ia por diante  
« Com este sermãozinho ,  
« Quando a Deusa me tórná  
« Com seu sorrizozinho :

« A' tarde só de hoje ? !  
« Deixa d'estas asnéiras :  
« Eu vou dizer-lhe, qu' irás  
« Todas as quintas feiras.

---

### XARADA 9 .a

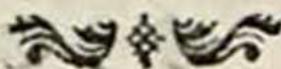
Entre os bonitos me vejo. — 1  
Dos campos habitador. — 2  
Sou de muitos frequentado ,  
Ou seja, ou não jogador.



A' OS ANNOS DE UMA SENHORA  
A' PEDIDO DE UMA SUA AMIGA.

ELOGIO.

De Marilia Gentil, da minha Bella,  
E' hoje o Natalicio, que festeja  
Meu coração à muito penhorado.  
Como surge risonho, auri-rozado  
Este Dia feliz, em que os Prazeres,  
As ledas Graças, os gentis Amores,  
O Berço lh'embalaram euidadozos!  
As tuas Perfeições, os teus Encantos,  
Estes Dons tão sublimes, tão brilhantes,  
« Não são, minha Marilia, os Dons maiores,  
Com que te órna a Sábia Natureza.  
Uma Alma terna, de Virtudes toda,  
Onde reina a Amizade, onde se estreitam  
Os d'ella sempre valiozos mimos,  
Dotes são eternas, que te enobrecem.  
Os votos meus amigo escute Jove,  
Votos, qu' em teu favôr constante empenho;  
E terás de Nestôr os longos dias,  
Sempre em delicias, em prazeres sempre,  
Da Fortuna gozando alta ventura,



A'OS ANNOS DE MINHA SOBRINHA A SENHORA  
D. MARIA LIBERATA CEZAR VIANNA.

### QUADRAS.

Que vemos , ó meus Senhores !  
Do Olympo os Deuses nfanos  
A' celebrarem com nôsco  
Da bella Marilia os Annos !

Tanta glória não cantáram,  
Grêgos , valentes Romanos !  
Bebâmos , Senhores ! vivam  
Da bella Marilia os Annos.

Nossos cônjos esmaltados  
Invejaram Soberanos ,  
Si brindar assim nos vissem  
Da bella Marilia os Annos.

Rubro , saborôzo Nectar  
Contra nós não fôrm' enginos :  
Hoje afugentam cuidados  
Da bella Marilia os Annos.



OUTRAS.

Viva o risonho motivo ,  
Que faguêiro nos juntou :  
Nêgros cuidados deixemos †  
Bacho á beber ensinou.

Desta mêza os Companheiros  
Almos cópos esgotando ,  
Rôxo nectar saborêam ,  
Dôce amizade brindando.

Não pôde , ó Bacho, sem ti  
Completo ser o prazer :  
Sim, tu pôdes tristes mágoas  
Em rizos mil converter.

Vivam Marcias, Jonias, Nizes,  
E todos estes Senhores ,  
Qu'a companhia animando,  
Inveja dão áos Amôres.

De alegria , e de prazer  
Ergâmos pompôzo altar,  
Onde este dia á Marilia  
Pessâmos ledos cantar.

Vivam todos os, que sabem  
Prezar de Marilia os Annos,  
Vêzes mil os festejemos,  
E tambem seus Dotes lhanos.

---

UM SONHO.

Qu' a vida o Mar me tragava  
A' vista do meu Amôr,  
Sonhei , e que no seu rôsto  
Mal se divizava a dôr !

Qu' entre os ultimos arrancos  
Pelo seu nome invocando ,  
Fingindo não escutar-me ,  
De ver-me se ia apartando !

Oh dor ! que o peito oprimido  
Me traz ainda desperta !  
Ah ! não permitta o Destino  
Fazer a mentira certa.



*Indo eu para o Reconcavo.*

EM SAUDADE.

**LYRA.**

Tanto não corras, Barquinho,  
Do meu Amor me apartaado !  
Olha em pranto amargurado  
Como me vou suffocando !

Quanto mais peno em correres,  
Mais veloz vêjo partires !  
Demóra um pouco a carreira !  
Que lucras em te sumires ?

D'esse Bem, á que me roubam,  
Que lucras em desviar-me ?  
Ai ! de vel-o nao me prives ;  
Que sente não affagar-me.

Este mar tão procelloso  
Só vêjo á ti respeitar !  
Pois chega a soberba sua  
Ao mesmo Céu limitar }

Espumando, alvêja, e vêm  
A tua prôa estoirar,  
Sem-qu' a minha desventura  
O possa tranquillizar !

E cada ru'do seu  
No peito a ira me accende !  
Contra elle impreço; mas  
Do, que digo, não se offende.

Contra mim também o Vento  
Zune furiôzo, irado !  
Lá, onde me levas, ah !  
Não está meu Bem amado.

Não pôde á tão grande dôr  
Meu coração resistir !  
Antes co'as ondas eu visse  
O meu ser se confundir.

Quando á minha habitaçō  
Ligeiro os passos levar,  
A tristeza, o desespêro  
Ha-de, sem mim, encontrar.

Rasga-me o peito a Saudade,  
Minha alma despedaçando !  
Suspiro , gemo , ai ! de mim !  
Que a terra vai-se abaixando !

Já no mar submersida ,  
Com elle envolta, a perdi !  
Ai ! porque fatal sentença ,  
Meu Bem, me arrancam de ti ? !

De-todo a esperança perco !  
Que me resta ? A morte, sim !  
Que venha á tantos tormentos ,  
A tantas penas dár fim.

---

## QUADRAS.

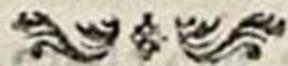
Si ha, quem triste não chore  
O Bem , que longe deixou ,  
Eu prantêio á cada hora  
O meu , que auzente ficou,

Batida da Sorte avessa ,  
Que vale á ella imprecar ?  
Contra mim vejo a tiranna  
Mais, e mais se exasperar !

O coração anciôzo  
Socêgo não pôde ter ,  
Nao ; que longe de seu Bem  
E' dolorôzo viver.

Si tudo, que vive, ama,  
Por-que pois é crime amar ? !  
Amor firme, amor constante ,  
Nao, não posso desprezar.

Minha suprema ventura ,  
Meu gôsto puz em querer-te :  
Nem um so dia , meu Bem ,  
Hei-de podêr esquecer-te.



## CANCONETA.

Sobêrbo Mar !  
A' teu fragôr  
Alegre canta  
O Pescador.

Ai ! que me roubas  
A' meu Amôr !

Não tens descânço ,  
Nem pôdes ter !  
Podesses mágoas  
Também sofrer !

Eu t'as daria  
Com mór prazêr.

O campo, que orlas,  
E fazes lindo ,  
Cuidas, que vêjo  
Alegre, e rindo ?

Não; qu' a Saudade  
Ele vai sumindo !

Traze , si queres  
Ver-me contente ,  
O Bem , que tenho  
De mim auzente.

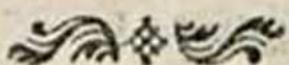
Terei prazê  
Mui permanente.

Ao coração ,  
Que ja lhe dei,  
Todo o meu ser  
Tambem juntei.

Sem elle triste  
Sempre serei.

Leva-lhe ao-menos  
Um terno adeus ,  
Alma , que guarda  
Suspiros meus.

Assim minóra  
Estragos teus.



ABÉCÉ

*pela primeira letra de cada quadra.*

LYRA.

A Saudade me consome  
O triste, o aflichto peito ;  
E vivo em desassocêgo  
Somente por teu respeito.

Brandeava a dura Sorte  
Nos dias de te deixar :  
Mas ah ! de-repente eu vi  
Meu tormento se acerbar !

Calada meu mal supporto ,  
Meu mal, que alivio não tem  
Mais, do que lhe dão meus olhos  
Em chorar por ti, meu Bem !

Desviar-te de minha alma  
Não pôde o sentido meu,  
Qu' em tudo vê retratado  
Gestos, e semblante teu.

E', meu Bem, amarga a vida  
Do triste mortal, que auzente  
Ama, e conforto não acha,  
Que amante peito sustente!

Fugir luctuosos dias  
Vê com tanta indifferença,  
Como áo-contrario poupara  
De seu Amor em prezença.

Gravemente o coração  
Tenho neste duro estado ;  
Qu' o Destino não adoça  
A quem nasceu malfadado.

Ha-de a minha desventura  
Inda á tal ponto creseér ,  
Que, para evitar-lhe o damno,  
Será precizo morrér.

Instantes, que sem ti passo,  
Sao dignos de lastimar !  
Em-fim, não tenho alegria !  
Todos vêm o meu penar.

Julgava nestas Campinas  
Espancasse o meu tormento !  
De lugar em lugar érro,  
Sem achar contentamento.

Levo à mar incertos passos  
Para distrair cuidados ;  
Mas o sentido me illude,  
Tornam-se mais apurados.

Mimos, carinhos, agrados,  
A vida fazem amar :  
Estes venturas perdidas ,  
Que me resta à desejar ?

Nada, meu Bem de minha alm  
Men Bem de meu coração !  
Conserva-se a existencia  
Em tormentoza aflicção.

Onde a Sorte não amiga  
Sem ti me quizer deter ,  
Estarei nutrindo ideias  
Do momento de te vêr.

Protestos de firme amôr,  
Da mais pura inclinação ,  
A' cada hora te faço  
Dentro do meu coração.

Quero, meu Bem ! e quem pôde  
O meu amôr impedir ?  
Não ha razão, não ha força,  
Que o faça diminuir.

Recórdo com dôce arroubo  
Teus extremos, tudo teu,  
O que tanto augmentar sabe  
O excessivo amôr meu.

Sê firme á quem te consagra  
Tão desmarcada affeição :  
Pendem os disvellos meus  
Só da tua inclinação.

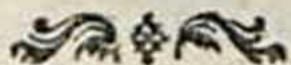
Tanto fôlgo em te querer,  
Que d'isto meu prazér faço :  
Embóra longe me tenha  
Tyrano Destino, escasso.

Um ai nas azas do Vento,  
D'alma, e ternura nascido,  
Te envia saudozamente  
Meu coração consumido.

Vão meus amantes extremos  
Com elle tambem à par,  
E tudo, quanto prezumo  
Teu amor lizongear.

Xofrar a minha paixão,  
Paixão, que por ti me alenta,  
Ninguem ha, que tanto possa,  
Pois-que ninguem me contenta.

Zangas para mim só deixes,  
Caro Bem ! não te exasperes :  
Em socêgo os dias passes,  
Em-quanto por mim esperes.



## CANCONETA.

Gôste, quem gôsta, do ouro,  
Qu' eu de Amôr gôsto somente:  
Seus prazeres me dão vida,  
Gozando-os, vivo contente.

Dôce amizade,  
Constante, e pura,  
Meu coração  
Fiel te jura.

As horas, que te não vêjo,  
Passam vagarozamente;  
Mais, que o pensamento, vôam,  
Quando com tigo prezente.

Não sofre mingoa  
A estimação,  
Que te consagra  
Meu coração.



LYRA.

Tão infeliz  
Se chega à ser,  
Que mesmo agrado  
E' crime ter !

Ah! si quizeres  
Querido sér,  
Vê si me pôdes  
Aborrecer.

Brinde, que tive  
Da Natura,za,  
Hei-de occultal o!  
Cruel ferêza !

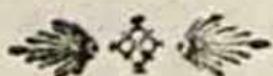
Isto concedo  
Co' alto prazer,  
Dando á meus olhos  
O de te ver.

Minha má sorte,  
Co' elle envolvida,  
Vai á pessoa,  
Que me é querida !

Barbaro Fado,  
Tenaz, e duro,  
Em perseguir-me  
Põe todo apuro !

Não te mostrando  
Inclinaçao,  
Terás de todos  
A estimacão.

Mas entre o Bosque,  
No verde Prado,  
Aonde eu fôr,  
Serás lembrado.



LYRA.

O Regato cristalino,  
Tua corrente onde vai ?  
Si junto à meu Bem amado,  
Nao lhe levarás um ai ? !

Um ai , que do peito amante  
Lhe envia meu coração  
Entre dôr , entre soluços ,  
Martirios , e aflicção !

Em signal de quanto sôfro ,  
Corre meu pranto saudôzo :  
Com elle te não mistures ,  
Nao te faças desditôzo.

Basta só , que a compaixão  
Te móva à meu Bem dizer ,  
Que nem-um instante posso  
D'elle o sentido perder.

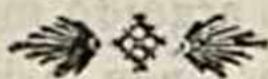
Que teas bellas campinas  
Alegar-me não pode am;  
E plamozos cantadores  
Distrair-me não soubêram.

Oh ! quanto pôde a saudade,  
Que padêço d'elle auzente !  
Entregue à ella minha alma,  
Sou á tudo indifferente.

Paraste, m'âncinho Arrôio ?  
Não queres mais proseguir ?  
Meu pranto acazo faria  
Tua carreira impedir ?

Mas não; por entre seixinhos  
Desenvolves a corrente :  
Ja sei ! do meu mal querias  
Ficar de-todo sciente.

Pois vai ; e de meu mandado  
Acarinha meu Amor,  
Em-quantos nestas campinas  
Vou nutrindo a minha dor.



JR. LOUIS AIME' MARTIN A' SOPHIA , CART. 31 TOM. 3.<sup>o</sup>

*Tout s'animait dans la campagne ;  
Le laboureur , reprenant ses travaux ,  
Suivait sa modeste compagne ,  
Qui menait paître ses troupeaux  
Sur le penchant de la montagne.  
Dans le lointain un jeune voyageur  
Fuyait sa chaumière importune ;  
L'insensé quittait le bonheur  
Pour courir après la fortune !  
Assis sous un palmier, au sommet d'un coteau ,  
Un Sage cependant contemplait ce tableau :  
Mortels ! s'écriait-il, votre espérance est vaine:  
Rester où le destin plaça votre berceau ;  
Heureux ou malheureux , votre fin est prochaine:  
Le plaisir , ainsi que la peine ,  
Ne conduit-il pas au tombeau?*

---

TRADUÇÃO.

**Tudo se anima no risonho campo !**  
O Lavrador retórná á seus trabalhos ,  
Sua modesta Espôza acompanhando ,  
Que á pastar o rebanho conduzia  
Sobre o declive do erguido monte.  
Ao longe vêem um joven viajante

A' cabana fugir, que lhe importuna;  
Sua ventura desprezava o louco,  
Para os passos seguir da vária Sorte !  
D' uma Palmeira à sombra n'um oiteiro  
Um Sábio neste quadro contemplava.  
Vans, ó Mortaes ! são vossas esperanças !  
Assim exclama o Pensadôr, o Sábio :  
Ficai, onde o Destino quiz nacêsseis :  
Feliz, ou infeliz, a morte é certa :  
Quer o prazer, quer a pena  
Ao tumulo nos conduz.

---

## XARADAS. 10.a

Sou da vida companheiro. — 1  
Prendo os , que andam dispersos. — 2  
E' de mim a cauza horrivel  
D'os homens serem perversos.

## II.a

No Inverno eu sou querida. — 1  
Brinquedo sou dos meninos. — 2  
Exclareço a Natureza ,  
Também frustro os maus destinos.

FAVORES DO ILLUSTRISSIMO SENHOR TOUTOR  
JOÃO JOZÉ BARBOZA D'OLIVEIRA.

IMPRESSÃO POÉTICA.

Vous paroissez n'être pas heureuse. . . .  
Sachez qu'il y a des certaines âmes que cher-  
chent en vain dans la nature les ames aux quel-  
les elles sont faites pour s'unir, et que sont  
condamnées pour le grand Esprit à une sorte  
de veuvage éternel. . . . .

*Lettre de Chateaubriand à de Fontanes* ī  
no fim do 4º vol. do *Genie du Christianisme*.

Funesto dom, que me outorgaram Numes!

*Verso da Illum. Sr. D. Ildef. L. Cezar.*

Meus amigos, se Deos vos dei filhos poe-  
tas, naõ os espediceis, mas pedi lhe de mãos  
postas que vol os naõ dé; que mal se com-  
pensa com uma palavria sonóra, gravada em  
loosa de sepulcro, o descontentamento, en-  
curtamento e malégo de uma vida.

*Noticia literaria acerca da Senhora D.  
Francisca de Paula Possolo da Costa por  
Antonio Felicimo de Castilho, pag. 52.*

Versos d'amor, tão orvalhados d'alma,  
Que céo mavioso vos soltou do seio?  
Que sanctuario vos ond'lou do alto  
Dentro em meu peito, chuva d' harmonia?  
Himnos de fadas misteriosas, bellas,  
Em jardins d'Oriente, sois acazo,  
A' perfumar c'os magicos concertos,

Delicia etherea ; os encantados ares ,  
Os Paços de Saphira, as sêdas magas,  
E quanto luxo os Gentios infestigão.. !  
Talvez sois mais ! De musicas de anjo,  
Azas de neve, côr de roza os labios,  
Subtis, suaves, como fôrmas virgens,  
Cysne celeste avoejando em etheres ,  
Da bôca mystica à enternar amores,  
E palavras de paz à Deos, à homeos....  
Do concerto de hosannas, lá em cima  
Cadenciado em invisiveis harpas,  
Harpas de oiro à Jehovah consagradas,  
Um som perdido do cantar angelico,  
Vindes formoza à cativar-me o ouvido !...;

Mas nada d'isto sôis ! sôis, poesia !  
Filha da terra?... não ! que ouvi na terra.  
Coração de Mulher ! te reconheço !...  
Não és do mundo, não, tu, que assim fallas !  
Podem bardos sublimes do alaúde  
Cos sons qwazi divinos enlêar-nos,  
Mas se dedilhas tu, Mulher, na lyra ,  
Que a mão do Anjo te afinou no seio ,  
Basta uma nota, um só accento, um echo ,  
E quanto sente sentirá mais fundo ,  
E em cada syllaba do feminineo metro,  
Verá tal força, qual se ouvira augnsta ,  
Solitaria sahir de dentro a um templo  
Voz de mysterio, accentuada phrase

Ao home innóta em região estranha !...

Ao menos sinto assim ao ler taes versos !...

Quem quer que foste , e os escreveste ouir' ora ,  
Sympathia almejada, qu'ignorava  
Esta minha alma, como a tua, terna ,  
E , como a tua , devotada á magoas ;  
D'este patrio Brazil gala poetica  
A' corðar-lhe a fronte resplendente ,  
A não poder, co'as louçainhas virgens  
Da mocidade , que lhe Deus viceja ;  
Flôr de dezerto a campear occulta ,  
Bello arcano sonhado , qu' hoj' encontro...  
Mulher serias , porém n'alma deosa !...

Amaste ! sim...foste infeliz... amaste ? !  
Tinhas no coração a immensidate ,  
Tinhas na fronte o imaginar ousado :  
Quem nasce assim não hade amar na terra !  
Porção truncada do pensar divino ,  
Qual idioma a entend'rá na terra ?  
Sua metade harmonica , entre os homens ,  
Onde ha hi deparal-a ? em vão a busquel  
Só no infinito o seu assim existe....

Adore a solidão como a deidade ,  
E da melancolia o sorrir triste ,  
E a saudade , e o vago, que nos manda ,  
Seja o festim d'ess' alma jà nascida  
Pelo Dedo do Eterno á dôr fadada....  
Da praia à pedra fria já sentar-se ,

E como o Caraíba merecorio ,  
Em pontas de penedos , recostados ,  
Outros fitos na rocha , ou là no abysmo ,  
Horas e horas devanêem , pensem  
Em quanta maginação ha doloroza....  
Apoie o rosto sobre a mão , e chore  
Ao vêr , distante , no horizonte um ponto ,  
Que sumindo-se vá té que feneça ;  
Que a vida vai assim como essa vela !  
Apoz esguarde ao longe o mar tão vasto ,  
Ame-lhe agora esse brincar das ondas  
Innocentinhas , d' afseções izentas ;  
Doão-lhe logo as lutas , desesperos .  
Em que aporfião outras , qual primeira  
Do altanado rochedo , que lá jaze ,  
Os pés soberbos beijará ditoza ...  
Tanto adorar , oh mizeras , vos mata !  
E por entre ellas placido , e callado  
Veja impassivel o querido barbáro  
Em pé á olhal-as nas cruéis angustias....  
Atroz tranquilidade em meio á dores !  
A'scena tórrva , tão do mundo emblema ,  
Cruel profeta de um futuro negro ,  
Que hade lançar-lhe afflito véo d' inferno  
Sobre essas illuzões ah ! tão doiradas !  
Sonhos bemditos , que teus id'los erão ,  
Casta sensib'lidade ! dom funesto !  
Que só em lousa de jazigo deixas

De envenenar ao desgraçado os dias...  
Aquelle é o mundo , diga , levantando-se ,  
As mesquinhas morrendo ante o insensibil ;  
Essas sou eu...em paz te fica, oh mundo !

---

*Não sei eu si já preparado pelo ler de varias poesias miudas da Illum.<sup>a</sup> Snr <sup>a</sup> D. I. L. C. , ou si a só leitura de quatro suas quadras (\*) notareis na delicadeza de imagens poeticas e de sentimento , que me lembrarão a sorte de uma pessoa, com quem já sympathisava minha imaginação , verdade seja que me acompanhados vinhão os taes versos de accessórios ( que os já sabia ) de amores, amante , talento, sensibilidade , e por arremate muita sem razão e contra razão, grandes infortunios , o certo é que isto tudo dias depois me inspirarão gizar um quadro ( que já em mim sentia ) que, como d'aqueles promenores , está-se-vendo , de todo em todo , de si mesmo à derramar em flores de mui sentido poetar.*

*Si de inspiração poetizei a vida melancholica e toda amores da insigne Poetiza q' realmente admiro; si de mui doido eserei uma pagina de minha indole, minhas inclinações , minha alma, deixei evapo-*

---

(\*) Não quero arrogar á mim o, que não é meu: essas quatro Quadras por engano disseram ao Illum.<sup>a</sup> Sr. Dr. Barboza que eram mijhas.

tar minhas dores profundas , à partes nascidas de meu coração , á partes upascentadas da minha estrela de destitas , à partes melancholisadas com o crercear um futuro de muitas contradições , cujas ainda lhes não advinhei a natureza , mas todavia aguardo infinitas e cruéis , { rebates falsos praza á Deos que sejão } mais é que não posso dizer , por impossivel de extremar ; mas cuido eu que ao versejar estas trovas minha fantazi a só via , ou lhe parccia que via , rugas nobres em um rosto moço de mulher , e ella chegada áquella velhice antecipada , e nesse estado de sofrimento mudo , que por sôra tão só em lagrimas por vezes se entorna , ou outras em versos mui tristes de ouvir , quando vai o martyrio para mais martyrio em alma de poeta .

Si a illustre Poetiza Bahianna não lhe parecer que querendo devassar o interior de uma alma , que não teho a honra de conhacer , lhe profanei o mysterio , em que queria talvez envolvidas as suas dores , ou si parecendo-th'o , não se despintar , nem ficar em agravo , antes me perdoar o sacrilegio , e for bem vindo á sua caza este meu cantar tão desentoadó , como um gemido de selvagem desespêro , de todo em todo o não terei painel descorado de poeta phantasiador , e mal-aventurado no seu travar .

Bahia em 22 de Novembro de 1841

J. J. B. de O.

João José Barbosa de Oliveira  
que de Cons. Ruy Barbosa

MOTE.

« *Triste, qual minha ventura,*  
« *Roxa, qual meu coração,*  
« *Mudamente, ô Flôr mimoza,*  
« *Exprimes minha paixão.*

GLOZA.

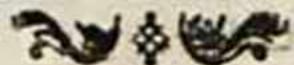
Desfêcha, oh ! nêgra Saudeade ,  
No meu peito austero mal ,  
E neile embebe o punhal ,  
Sem nem-uma piedade :  
Amo a tua crueldade ,  
Amo tudo , quanto apura  
A teimoza desventura :  
E traze-me à ideia em-fim ,  
Qu' a Naturêza é p'ra mim  
“ Triste, qual minha ventura.

Essa côr , que te vestiu  
Potente Mão , que não erra ,  
Dentro de minha alma encerra  
O dô , com que te cobriu :  
Sabiamente repartiu  
Com nôsco amôr , e affeição ;

Deu-me com mais duração ,  
P'ra sentir-te , a existencia ;  
E te fez por excellencia  
• Rôxa, qual meu coração.

Si te encanta o Bem , que adoras ,  
Não te reveste o prazér !  
Dos Mortaes o desprazér  
Sustentas em tristes horas :  
Porém quanto não vigoras  
Rica fraze luctuoza ? !  
Sim , oh ! Saudade amoroza !  
Si a dôr , que me ancêia , digo ,  
Expressões trazes com tigo  
• Mudamente, ó Flôr mimoza.

Em lethal abatimento ,  
Distante de meus Amôres ,  
Do Fado próvo os rigores ,  
Vivo em tenaz sofrimento :  
Nem quero contentamento ,  
Que distráia o coração !  
Tu me igualas nesta acção :  
No garbo altivo , qu' ostentas ,  
Minhas mágoas apresentas ,  
• Exprimes minha paixão.



A' MEU MARIDO:

*achando-me eu na Povoação de Caixapregos ,  
e elle nesta Cidade.*

**LYRA.**

Do Campo o risonho aspecto  
Não ameiga a minha dôr ,  
Longe d'aquelle , à quem amo ,  
D' Elmano , meu dôce Amôr .

D' atra agonia os instantes ,  
D' enfadonha duração ,  
Sem elle são os , que passo ,  
Nutrido acerba aflicçao .

Contra a Ventura lamento ,  
Ricas of'rendas lhe faço ,  
Si permittir , qu' ao Espôzo  
Hoje dê um terno abraço .

Com saudades raladôras  
Ja não posso mais luctar !  
Ah ! que só Elmano pôde  
Meu coração contentar .

Que vividôira alegria  
No meu peito nascerá !  
A sua diteza viada  
O socêgo me trará.

---

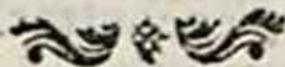
A' O MESMO.

LYRA.

De Febo á nova carreira  
Tudo se anima contente !  
Só eu , na saudade envolta ,  
Sou á tudo indiferente.

Uns , as janellas abrindo ,  
Outros , seu Bem assagando ,  
Sao , do-que eu , mais ditozos ,  
Seu amôr saboreando.

Van Fortuna ! o teu capricho  
Por-que só á uns adita ? !  
Por-que só eu nesta vida  
Hei-de sempre ser afflita ? !



A' O MESMO.

» *Sem nunca alivio encontrar.*

### QUADRAS.

**Meu coração , qu' é d'Elmano ,  
De mágoa sinto estalar !  
Dos olhos meu pranto corre ,  
» Sem nunca alivio encontrar.**

**Quantas vêzes por seu nome  
Docemente à invocar ,  
A saudade se redóbra ,  
» Sem nunca alivio encontrar !**

**Qual geme a rôla innocent ,  
» Quando lhe falta o seu par ,  
Assim , triste , me lamento ,  
» Sem nunca alivio encontrar.**

**Ai ! meu Bem ! de-pressa vêna  
A minha dôr terminar !  
Sem ti vivirei afflita  
» Sem nunca alivio encontrar.**

---

A<sup>o</sup> ILL.<sup>mo</sup> SR. FILIPPE MANOEL DE CASTRO  
tendo chegado á Caixapregos em companhia de meus  
Marido, e retirando-se juntamente com elle,  
pelas suas obrigações do Serviço Publico.

### EPISTOLA.

A' triste coração, amargurado,  
Envolto na saudade, e consumido  
Na dura auzencia de, quem tanto prezó,  
Almos gôstos, prazeres deleitozos  
Em hora divinal trazér vieste.  
Testimunha, Senhor, de meus transportes  
Foste á chegada do Espôzo amigo:  
Que gratas sensações se produziram!  
Tua Alma, de Virtude engrandecida,  
Tao sensivel á dôr, áo pranto alhêio,  
Que sabe padecêr, si outrem padêce,  
Em mim relève, me desculpe o pranto,  
Que arranco d'alma, que calar não posso  
A' saudoza partida de, quem amo,  
De quem auzente fico nestes Campos,  
Sem alegria, sem prazér, sem vêl-o!  
O respeito, Senhôr, que á teu caracter,  
Não só de hoje, de mais tempo, devo,

Indelevel te juro. Os Obsequios ,  
Tuas nobres Accções , captivar sabem,  
A' murebar da Consorte atroz saudade ,  
O brando Néto te conduza o Lenho ;  
Neptuno se sujête , e não consulta  
Desenrolar-se encapeladas ondas ;  
Em breve impulso te aproxime o pôrto;  
Próspero à caza te encaminhe o Fado ;  
Prazères nella mil te anhelo grata.

---

A' MEU MARIDO.

*Amanhan se vai embora. (\*)*

QUADRAS.

Lédos , mimozos instantes ,  
Que desfructei thié agora ,  
Enlutai vos ! pois-qu' Elmaño  
Amanhan se vai embora.

---

(\*) Mote, que me deu o Sr. Filipe M. de Castro.

Aflieto meu coração  
Padêce , por elle chôra :  
Não pôde o anôr detêr-o !  
Amanhan se vai embora.

O prazêr , que me animava ,  
Sem elle jamais vigora :  
Triste vida ! O caro Espôzo  
Amanhan se vai embora.

Apunhâlam-me as saudades ,  
Encarando a fatal hora !  
Ai ! soluçando repito :  
Amanhan se vai embora.

Das Avesinhas o canto  
A minha dôr não minôra !  
Com migo também lastimam ;  
Amanhan se vai embora.



A O MÉSMO.

### QUADRAS.

Sí todo nestas campinas ,  
Quanto é teu , deixa's ficar ,  
Deixando os sentidos teus ,  
De mim te has-de lembrar ?

Neste Sítio , que a Saudade  
Não te permitte deixar ,  
Fica tambem a saudade ,  
Que não se pôde apagar !

---

*Para a saudade avivar.*

### CANCAO.

Defronte d'onde estivemos  
Sentados á beira-mar ,  
Quanto passâmos , recordo ,  
*Para a saudade avivar.*

D'este Sítio a diferença  
Não me é facil pintar !  
Basta somente , que sirva  
Para a saudade avivar.

Claro verde, que o cercava,  
E se via então lustrar ,  
De verde nêgro tornou-se,  
Para a saudade avivar.

Quiétas estão as águas ,  
Mal se escutam murmurar !  
Dando largas dentro d'alma,  
Para a saudade avivar.

Um Passarinho alli soita  
Melodiôzo cantar :  
Parêce ser positivo,  
Para a saudade avivar !

Si com elle á teu Amor  
Procuras ledo ameigar ;  
Do meu recordo os agrados,  
Para a saudade avivar.

Si assim cantaſ, Avezinha,  
Para meu mal estreitar,  
Nelle mesmo acho motivo,  
Para a saudade avivar.

Não prezumas, que precizo  
De, quem o venha aguçar !  
Exemplo d'outrem não quero,  
Para a saudade avivar.

Mas ah ! que lá vem a noite !  
Precizo é te deixar !  
Só de meu Bem levo a idéia ,  
Para a saudade avivar.

Por estas veredasinhas  
Hontem eu o vi dobrar :  
Divulgo ainda seus passos,  
Para a saudade avivar.

A' caza, triste, regresso :  
Adeus , sozinho logar !  
Nem mesmo de ti careço,  
Para a saudade avivar.



A O MAR.

### QUADRAS.

Si á tanto meu poder chega,  
A' meu Bem dize, correndo,  
Qu' a vida sem elle é morte,  
Que venha me ver morrendo:

Que meu triste coração,  
Desalentado de dôr,  
Succumbirá de saudade  
Sem o socorro de Amor.

---

A' MEU MARIDO.

### LYRA.

Pela margem desse rio,  
Que gostavas passear,  
Eu fui com saudades tuas  
Terno pranto derramar.

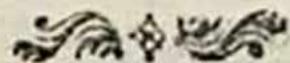
Em todos os objectos,  
Qu' então alli divizei,  
Tomando meu sentimento,  
Todos tristes eu achei.

Por mais qu' afflcta buscasse  
Um logar, onde ficar,  
Nem-um logar me agradava !  
Nem podia respirar !

Aos ólhos d'alma presentes  
Teus affectos, tudo teu,  
Nutria tristes idéias,  
E tambem o amôr meu.

Oh ! como risonho fôra  
Tudo, quanto aqui eu vêjo !  
Si á meu lado estivesse  
Aquelle, que só dezêjo !

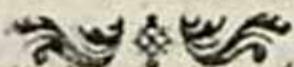
E tu, Destino cruel !  
Não penses, ludibriando,  
Que pôdes c' amarga ausencia  
Meu amôr ir afrouxando



AO MESMO.

IDYLIO.

Na deserta choupana, em qu' ora vivo,  
Junto áo mar, entre tòscos arvoredos,  
Inseparavel me acompanha sempre  
Na dura auzencia de meu caro Elmano  
Terna saudade, minha amiga velha ?  
Zéfiro amante, em-vão á distrair-me,  
Agita molemente as folhasinhas;  
Flóra o prado me aponta matizado  
De multicôres, e cheirozas flôres:  
Os lêdos passarinhos, que gorgêiam  
Ao levantar da rociada Aurora,  
Nada à meus olhos tem valôr, tem graça,  
Longe do Bem, que o coração me occupa !  
Todas estas bellêzas, que conhêço,  
Sentira deleitozas junto à Elmano ,  
Elmano, por quem vivo, Elmano amigo.  
Desamparou-me a dôce paz gostoza !  
O peito me atassalham os cuidados  
Sobre seu bem-estar, sua saúde.  
Assim vive o mortal esperançôzo  
Dos bens futuros possuir um dia,  
Sem-qu' estes cheguem á feliz fazêl-o.



*Despedindo-me de Caixaprégos.*

**IDYLIO.**

Que de prazeres variada scena  
A sàbia Natureza nos prezenta !  
O verde, e largo, e espelhado rio  
A's bórdas chega tão screno, e manso.  
D'este linda local, em qu' ora habito,  
Que o coração em si guardar não pôde  
Tão apraziveis, tão suaves gôstos.  
Dentre esses mangues, qu' o calor lhe abrandam,  
Como se eleva radiante Febo !  
C'os seus raios as folhas coloridas  
A vista alegram, o prazer animam.  
Favoneo brando co'as mimozas flôres  
Principia á brincar. Como risonho  
Vai o prado ficando nesta Aldeia !  
Tu não ouves, Elmano, os passariinhos  
Ternos gorgêios modular contentes ? !  
Essa linda avezinha áo par querido  
Como o assaga mèiga, e carinhoza ? !  
Ao preguiçozo espôzo aquella grita  
— Marido ! é dia,, e, sem-qu' o ninho deixe,  
Est'outra (o qu' é ser Mãe !) os alvos óvos,  
Tôda cuidados, desvallada tôda,

Aquêce , e os guarda ; e mal , apenas  
Por entre os vimes , que seu ninho tecem ,  
Deixa a cabeça ver , como espreitando  
De seus iguaes os movimentos vários.  
O maternal amôr a rigozija ,  
Elle o vigor lhe dá , ~~ella~~ a consola  
Da suave prizao , do captiveiro ,  
Em que d'envolta nos raminhos vive .  
Quaes da Cidade os mais aparatozos ,  
Nobres folguêdos , passatempos , bailes ,  
Se pôdem comparar , ou ser melhores ,  
Que os gôstos puros , variados sempre ,  
Do Campo amêno , socegado , e bello ?  
Enfadonho relogio aqui não sôa  
A' nos lembrar , que a existencia passa ,  
Como elle corre no seu giro certo !  
Nem o dobre do siuo aqui se escuta  
A'o coração trazendo a mágoa , o pranto !  
Mas , Elmano , meu Bem , por que motivo  
Sem ver-te estou ? ! Por que tiranno Fado  
Cærece , que apartados estejamos ? !  
Mais não pôde sofrer tão dura ausencia  
O terno coração , que te hei votado .  
Ligeiro o Barco ja lá iça as velas ,  
O ferro leva , as braneas aguas córta ,  
Da morada , que deixo , á porta encosta .  
De ver-te , e de abraçar-te , Elmano amigo ,

Dezejos mil no coração crescendo ,  
Fazem , que os campos deixe, embore os choro ,  
Os campos , que tão ledos me contentam !  
Apollo os invejára , os preferira  
Aos Prados Idaleos , s'inda uzasse  
Rebanhar de Admeto o manso gado.  
Quantos prazeres me deleitam nelles ,  
Todos são nada , para mim são tristes ,  
Quando c'os de te ver eu os combino.  
A's iradas procellas ja me entregó  
A' minorar da fera auzencia os golpes ,  
Golpes , que , sem cessar , me dilaceram  
O peito amante, onde sempre habitas.  
Deste Sitio saudoza, e não saudoza ,  
Me retiro contente, e não contente.  
Adeus , Pastores , que me espera o Espôzo !  
Por elle vos desprézo : o seu descânço  
Incansayel procuro ; e carinhoza  
Murchar-lhe vou no peito agra saudade ,  
E provar-lhe fiel minha amizade.



O CRUZEIRO DO SUL

OU

A DESCOBERTA DO BRAZIL.

METAMORFOZE ORIGINAL. (\*)

- « Gama , da Lysia antiga ingente Nauta ,
- « Sulcando o salso imperio, ás Indias vôa :
- « Nem das plagas da Lybia os igneos climas ,
- « Nem dos mares austraes a furia estórvam
- « Do Egrégio Luzitano a marcha heroica.
- « A'o nome do seu Rei , da Patria áo nome ,
- « D'Africa nègra os feros pòvos doma ;
- « E vai alèm das margens , onde áos mares
- « Seu tributo perpétuo o Indo paga ,
- « Alçar da Patria o pavilhão famèzo.
- « Nunca da Historia os Fastos memoráram
- « Mais preclaras accções , Heróes mais dignos !
- « Que sao á par dos Luzos valorózos

---

( \*) Não devendo jazér ignorada do Publico esta Sublime Engenhoza Metamorfoze Brazileira , Producção de um dos Illustres Subscriptores dos meus versinhos, o qual não a tem querido dar áo prelo , ouzo enriquecer com ella este meu folheto, esperando poder ainda declarar o Nome do seu digno Auctor.

- Enéas piedôzo, o irado Achilles ?  
• Mas c' o tempo, que passa, esvæe-se tudo !  
• A' destinos fataes entregue, ó Lysia ,  
• Um Gaima ja não tens , foram-se os Castros !  
• D'esses Heróes agora o nome excelso  
• Na Lyra de Camoes gravado apens  
• Gratas recordações n'alma te excitam.  
• Qual desditôzo, que no pranto encontra  
• Alivio ás tristes mágoas, qu' o persegues ,  
• Prantêa-te, ó Lysia !... Em-balde, em-balde !...  
• Teus suspiros são vãos, é vão seu pranto.  
• Os Varões , que arrostando os marcios p'rigos  
• Do jugo de Miguel te libertaram ,  
• Uns à morte acabou , mais tristes outros  
• Em degradante exílio a vida arrastam !  
• De exemplo áo mundo teus dilírios sirvam ;  
• Nelles os povos seus destinos lêam.  
• Contra os dêspotas êrga embora as armas  
• Um pôvo , que por livre se proclama ;  
• Si alcançada a victoria a paz não reina ,  
• Si a prudencia não marcha e'o triunfo ,  
• Géra o sangue de um dêspota mil despotas.
- Anjos Celestiaes, guiai meu plectro ,  
• Qu' eu vou, unindo a voz áo som da Lyra,  
• Um prodigo cantar , prodigo excelso ,  
• Obra do Deus , que lá do Alto Empirio ,  
• Prezide áos Céus , dos mundos rege a sorte.

• Que ja ào Malabar chegára o Gama  
• Tem a Fama na Europa annunciado.  
• Manoel , qu' o Regio Sceptro entao erguia ;  
• A' Cabral, eximio Nauta, a voz dirige :  
• Além do Tormentorio os Heróes nossos  
• Tem ás Indias levado a gloria Luza :  
• Aberta ja ficou a longa estrada ,  
• Que sobre as ondas vai do Tejo áo Ganges :  
• Segue a via , qu' os nossos ja trilharam :  
• E, mais Lóiros juntando áos marcios Lóiros ,  
• Que o Patrio Brazão nosso a formozéam ,  
• Busca os mares da India , e áo Mouro infido  
• Mostra da Lysia nossa a fôrça. • Dice.  
• O Nauta ouviu-o , e presto áo Tejo vâa.  
• Quando a Aurora seguinte no horizonte  
• Vôlo da noite assugentar as trovas ,  
• Ja dos líquidos campos do Oceano  
• Cortava a frota as encrespadas ondas :  
• Corriam sobre as aguas tão velozes .  
• Que breve esperam vér as longes plagas  
• Da India , pela Fama apregoadas.  
• Mas quando os montes da Africana terra ,  
• Onde habita a Serpente , o feroz Tigre ,  
• Por entre espessas névoas se mostravam ,  
• De tormenta fatal indícios chegam.  
• Com fôrça nôvâ os ares se agitaram :  
• Cresce o furor dos mares ; curvas ondas  
• Contra o náutico lenho então se arrojam :

- Negras nuvens dos Céus a luz occultam;
- Sôam trovões, relâmpagos fuzilam;
- Co' estampido cruel fai-se as vôas;
- E pálidos clarões na scena escuta
- Hórrida luz de quando em quando espalham;
- Aos Céus iradas vagas ora sobem,
- Gemendo ora no abismo se arremessam:
- E o tumulo nas aguas centam certo
- Os Nautas; mas a morte os não altera.
- De ter a vida exposta contra as ondas,
- Não contra os Mouros, tristes se lamentam,
- Pela espôza saudôzo o espôzo chama....
- Onde está? Patrios echos jazem mudos!
- Ou se agora nos lares vózes s'ouvem,
- São vózes de amargor, de mágoa pura,
- Que a consternada espôza aos Céus dirige.
  - Nautas! deponde o medo: Um Deus vos guia,
  - Não d'esses, à quem Roma ergueu altares,
  - Não d'esses pela Grecia venerados;
  - Mas o Deus Creador de mil bellêzas,
  - Que os nossos olhos vêem, ou vêr não podem.
  - Longos dias c'o mar lutara a frota,
  - Longas noites passara na tormenta.
  - Fulge de-novo o Sol: dos largos mares
  - Com verde cor as ondas se ataviam,
  - Sombra da terra, que não longe existe.
  - Chegado estava o dia, em que no Egypto
  - Tinha de Sara a prole os tenros anhos

- Pela vez derradeira á Deus offerto.
- Inda não viam terra; mas à cima
- Das nuvens alto monte se mostrava:
- De Pascual, por memoria, o nomeáram.
- Tu, que lá na antiguidade, Egrégio Monte,
- De baliza serviste á frota Luza,
- Inda ào nauta, que timido percorre
- Hoje os Abrolhos, de baliza serves.
- Mas ja nas alvas, arenózas praias
- Alegres pizam; divos cantos sôam.
- Não longe alli das margens, onde as aguas
- De um dulcissimo rio os mares bebem,
- Vérde Oiteiro se eleva: os gratos nautas
- Nelle da Cruz a Sacra Effigie arvoram.
- O Sol ja não luzia: ja da noite
- Pelo horizonte as trevas se estendiam,
- E os rôcos échos ainda repetiam
- Os canticos à Christo cansagrados.
- Eis súbito clarão lhes fere a vista!...
- Uma Deusa se mostra!... Era Maria,
- Aquella, qu' em Bethlêm na choça humilde
- Da Divina União mostrava o Fructo.
- Nos labios seus o rizo se diviza,
- Nos Olhos seus as lagrimas gotejam:
- Tal de extremo prazer o claro indicio,
- Sonora voz se ouviu: a Virgem falla:
- Luzos, ouvi dos Céus a Voz Suprema:

- Nestas margens xerâo Gentes vindoiras
- Da Estirpe Luza florescente Imperio
- Sobre os grandes Imperios elevar-se.
- Esta Effigie sagrada ( e assim dizendo )
- C' o niveo Dêdo a Santa Cruz mostrava )
- Esta Effigie sagrada, que os meus olhos
- Em lagrimas outr' ora mergulhara ,
- Como eterno padrão da gloria vossa,
- Brilhar nos Céus veréis. ., Dice, sorriu-se;
- E a Santa Cruz tomando, áos astros sóbe.
- Cabral, e os Socios sens, se maravilham,
- A Virgem adorando, a armada ganham,
- E d'um milagre tal à Patria informam.
- De entao por Lei de um Deus Omnipotente
- Na Celeste Régiao, que o Sul habita ,
- Quatro Estrellas da Cruz a forma indicam :
- Linda Constellação, que mostra áos Evos
- Com o nome de Cruzeiro o Patrio Nome.
- Assim, Brazil ditozo ! quando a Noite
- Com seu manto estrellado o dia encobre,
- Inda o Céu te apresenta a clara imagem
- Dos ramos, onde Christo na Iduméia ,
- Por dar áos homens vida, deu-se à morte.

## ADVERTENCIA.

*Apezar da muita diligencia, que se empregou pa-  
ra não haverem erros nesta impressão, encontram-  
se alguns, que o Leitor facilmente corrigirá, dispen-  
sando assim sólha de erratas.*

Tem que sejam de fácil intelligencia as Xaradas que se lêem neste folheto, com tudo, para aquelas pessoas, que não tiverem paciencia de procurar advinhal-as, declara-se a significação:

Da primeira.....	Bonina.
« segunda.....	Prepoziçao.
« terceira.....	A'nagramma.
« quarta.....	Bolão.
« quinta .....	Rolinha.
« sexta .....	Esperto.
« setima.....	Lapinha.
« oitava.....	Capote.
« nona.....	Botiquim.
« decima.....	Serpente.
« decima primeira.....	Lampeão.
A do Sr. Ardignac à folhas 69.....	Ildefonsa.



